

Aula 00 – Interpretação de Textos.

Língua Portuguesa p/ Teste ANPAD

Prof. José Maria C. Torres

Sumário

| | |
|-----------------------------------------------------------|----|
| COMO INTERPRETAR TEXTOS? | 3 |
| IDENTIFIQUE O TEMA PRINCIPAL. | 4 |
| IDENTIFIQUE O OBJETIVO PRINCIPAL. | 6 |
| IDENTIFIQUE AS INFORMAÇÕES EXPLÍCITAS E IMPLÍCITAS. | 10 |
| CONVERTA A LINGUAGEM CONOTATIVA EM DENOTATIVA. | 12 |
| IDENTIFIQUE OS RECURSOS E AS ESTRATÉGIAS EMPREGADOS. | 13 |
| TENTE PARAFRASEAR O TEXTO DE FORMA RESUMIDA. | 17 |
| TOME CUIDADO COM OS DISTRATORES! | 19 |
| QUESTÕES COMENTADAS PELO PROFESSOR..... | 25 |
| LISTA DE QUESTÕES..... | 49 |
| GABARITO | 49 |
| RESUMO DIRECIONADO | 74 |

Como interpretar textos?

Não há hoje uma prova de Língua Portuguesa que não priorize Interpretação de Textos. Não há! Todas, mas todas mesmo, abordam exaustivamente a capacidade de o aluno ler e interpretar textos de diversos tipos e gêneros.

Isso é decorrência de uma guinada no foco de estudo da língua. Não se prioriza tanto nas provas atuais a Gramática Normativa no seu estado puro, descontextualizado. O centro das discussões passa a ser o discurso, as relações de sentido, os recursos expressivos. A Língua Portuguesa, portanto, tem como palco o texto! Tudo sai de lá! Inclusive as questões de Gramática! Isso demanda de nós o desenvolvimento das habilidades voltadas para leitura e interpretação.

Ok, professor! Mas como se estuda esse troço? Existe algum livro bom para aprender a interpretar? Moçada, não é bem assim! Faço uma analogia com aprender a cobrar faltas. Como assim? Posso eu dar aquela aula show explicando tin tin por tin tin a teoria acerca da cobrança de faltas: a forma de chutar, a curva da bola, a direção do vento, etc. Posso passar os mais variados vídeos de grandes golaços de falta, apresentar depoimentos de grandes cobradores, etc. Isso de nada vai adiantar se você não praticar. Uma hora ou outra, vai ser necessário você pegar a bola, pô-la no gramado e experimentar os primeiros chutes. No começo a bola vai bater na barreira ou passar longe do gol. Depois, com mais treino e insistência, você começará a acertar o direcionamento do chute. E depois de um tempo, os primeiros gols e golaços.

Da mesma forma é a Interpretação. Só se desenvolve essa habilidade praticando. É preciso ler variados tipos de texto – dos textos jornalísticos às charges e tirinhas; da prosa à poesia; do objetivo ao subjetivo. Claro que o conhecimento de certas técnicas e conceitos há de ajudá-lo a desenvolver essa habilidade. É isso que irei apresentar nesta aula! Vamos trazer exemplos variados, sempre frisando a forma de abordar o texto, quais elementos devemos checar, que pistas podemos no texto explorar.

Nos tópicos a seguir, vamos responder à seguinte pergunta:

O que é preciso para se compreender e interpretar adequadamente textos?

Identifique o TEMA PRINCIPAL.

Após a leitura do texto, é essencial que saibamos identificar do que o texto trata, ou seja, qual o assunto nele tratado, qual o tema.

Quanto mais delimitado o tema, diga-se de passagem, melhor! *Como assim?* Muitas vezes o aluno afirma: *Ah, o tema do texto é 'mulher'!* Mas "mulher" é muito amplo! Tente delimitar, ou seja, pôr limites. O aluno afirma: *Ah, entendi! O tema do texto é "A mulher na política".* Legal! Melhorou! Mas podemos delimitar ainda mais. Tente novamente! O aluno, então, afirma: *Ah, o tema do texto é "A discreta representatividade da mulher na política".* Pronto! Agora ficou legal! Bem delimitado.

Vamos trabalhar essa habilidade com dois textos. No primeiro, acredito que você consiga numa boa identificar sua temática. Já no segundo, por se tratar de um texto de caráter literário, acredito que haja mais dificuldades. Vejamos:

A eterna juventude

Conforme a lenda, haveria em algum lugar a Fonte da Juventude, cujas águas garantiriam pleno rejuvenescimento a quem delas bebesse. A tal fonte nunca foi encontrada, mas os homens estão dando um jeito de promover a expansão dos anos de "juventude" para limites jamais vistos. A adolescência começa mais cedo - veja-se o comportamento de "mocinhos" e "mocinhas" de dez ou onze anos - e promete não terminar nunca. Num comercial de TV, uma vovó fala com desenvoltura a gíria de um surfista. As academias e as clínicas de cirurgia plástica nunca fizeram tanto sucesso. Muitos velhos fazem questão de se proclamar jovens, e uma tintura de cabelo é indicada aos homens encanecidos como um meio de fazer voltar a "cor natural".

Esse obsessivo culto da juventude não se explica por uma razão única, mas tem nas leis do mercado um sólido esteio. Tornou-se um produto rentável, que se multiplica incalculavelmente e vai da moda à indústria química, dos hábitos de consumo à cultura de entretenimento, dos salões de beleza à lipoaspiração, das editoras às farmácias. Resulta daí uma espécie de código comportamental, uma ética subliminar, um jeito novo de viver. O mercado, sempre oportunista, torna-se extraordinariamente amplo, quando os consumidores das mais diferentes idades são abrangidos pelo denominador comum do "ser jovem". A juventude não é mais uma fase da vida: é um tempo que se imagina poder prolongar indefinidamente.

São várias as conseqüências dessa idolatria: a decantada "experiência dos mais velhos" vai para o baú de inutilidades, os que se recusam a aderir ao padrão triunfante da mocidade são estigmatizados e excluídos, a velhice se torna sinônimo de improdutividade e objeto de caricatura. Prefere-se a máscara grotesca do botox às rugas que os anos trouxeram, o motociclista sessentão se faz passar por jovem, metido no capacete espetacular e na roupa de couro com tachas de metal.

É natural que se tenha medo de envelhecer, de adoecer, de definhar, de morrer. Mas não é natural que reajamos à lei da natureza com tamanha carga de artifícios. Diziam os antigos gregos que uma forma sábia de vida está na permanente preparação para a morte, pois só assim se valoriza de fato o presente que se vive. Pode-se perguntar se, vivendo nesta ilusão da eterna juventude, os homens não estão se esquecendo de experimentar a plenitude própria de cada momento de sua existência, a dinâmica natural de sua vida interior.

Viu, que história é essa? Está tentando pular etapas? Volte e leia tudo, não podemos ter preguiça não! Moçada, é sério, a preguiça mata qualquer possibilidade de sucesso em questões de interpretação, principalmente de concursos. Não podemos ser reféns dela não, ok?

Pronto, agora que você leu tudo, vamos discutir de forma bem objetiva. Se fosse para citar o tema principal desse texto, o que você me diria?

Vamos lá...

O texto em questão, intitulado "A eterna juventude" (*Já é uma pista!*), fala sobre muitas coisas. Por exemplo, faz-se, no 1º parágrafo, referência à lenda da Fonte da Eterna Juventude. No 2º parágrafo, fala-se da indústria da beleza, e como esta consegue tirar bastante proveito (lucro) do culto obsessivo pela juventude (*Opa, tá ficando quente!*). O 3º parágrafo assume uma postura mais crítica no que se refere ao artificialismo daqueles que tentam imitar os mais jovens. No 4º parágrafo, fala-se do medo de envelhecer, como motivador para a manutenção de uma aparência jovem.

Essas informações que listamos estão a serviço de um tema mais abrangente. Como podemos defini-lo? Vamos sintetizar da seguinte maneira: **O CULTO OBSESSIVO DA JUVENTUDE.**

Definimos, assim, o norte do texto. As informações que foram nele mencionadas parágrafo a parágrafo são meros desdobramentos desse tema central, portanto. A menção à lenda da Fonte da Juventude, por exemplo, é apenas um ensejo (motivador) para a tratativa do tema; a referência à indústria da beleza é para evidenciar uma consequência desse culto exagerado da juventude; a crítica ao artificialismo da juventude é um juízo de valor emitido pelo autor; por fim, o medo de envelhecer é apresentado como uma das causas para a juventude ser tão cultuada.

Veja só, todas as informações giram em torno do tema central. Moçada, o que fica claro? Para dar o pontapé no entendimento do texto, necessitamos entender do que ele fala, ou melhor, precisamos identificar o seu norte, o seu **TEMA PRINCIPAL**. Não podemos perder esse norte, sob pena de chegarmos a conclusões precipitadas.

Você já iniciou uma conversa entre amigos e aquele assunto inicial foi se perdendo ao longo do caminho? Quando você percebeu, estavam falando de coisas completamente diferentes do assunto inicial da conversa. Pois é, na leitura do texto, não podemos perder o norte da conversa. Vamos identificando as informações e constatando: essa está dentro dessa, que está dentro dessa, que está dentro daquela.

Identifique o OBJETIVO PRINCIPAL.

Depois de identificar a temática principal do texto – *já sabemos sobre o que ele fala* -, precisamos entender qual o propósito, qual o objetivo, qual a intenção do autor do texto. A resposta a essa pergunta, muitas vezes, é um verbo. Como assim, professor? Você responde: "O objetivo do texto é informar..." ou "O objetivo do texto é alertar..." ou "O objetivo do texto é criticar...", etc.

Um cuidado especial deve ser tomado aqui. Muitas vezes, o texto traz informações secundárias que podem confundir o leitor. Por exemplo, o texto conta uma longa história, dando a entender que o objetivo do texto é narrar! Mas, na verdade, a narrativa serve apenas de pano de fundo para uma crítica.

Eis um exemplo bem bobo, mas que explica, de forma didática, a diferença entre as informações secundárias e a informação principal, que consiste na mensagem principal, aquela que resume o texto! Vejamos:

(EQI 2018)

A alienação

Em meus anos moços, fui caixa de banco. Recordo, entre os clientes, um fabricante de camisas. O gerente do banco renovava suas promissórias só por piedade. O pobre camiseiro vivia em perpétua soçobra. Suas camisas não eram ruins, mas ninguém as comprava. Certa noite, o camiseiro foi visitado por um anjo. Ao amanhecer, quando despertou, estava iluminado. Levantou-se de um salto. A primeira coisa que fez foi trocar o nome de sua empresa, que passou a se chamar Uruguai Sociedade Anônima, patriótico nome cuja sigla é U. S. A. A segunda coisa que fez foi pregar nos colarinhos de suas camisas uma etiqueta que dizia, e não mentia: Made in U. S. A. A terceira coisa que fez foi vender camisas feito louco. E a quarta coisa que fez foi pagar o que devia e ganhar muito dinheiro.

Podemos inferir que o objetivo principal da crônica acima é:

- a) criticar o comportamento de uma minoria da sociedade que se seduz facilmente pela cultura americana.
- b) ironizar o comportamento da sociedade, muito suscetível a modismos.
- c) elogiar a criatividade do pequeno empreendedor, que consegue, com muito esforço, ser bem-sucedido em seus negócios.
- d) criticar marcas que, de forma mentirosa, estampam "Made in U.S.A" em suas grifes.
- e) promover o empreendimento U.S.A. (Uruguai Sociedade Anônima) como exemplo de criatividade e sucesso nos negócios.

RESOLUÇÃO

Professor, de cara, fiquei com uma dúvida! O que significa "EQI – 2018"? Galera, "EQI" significa "Eu Que Inventei"! Rs. Vocês, eu conheço bem, vão resolver todas as questões do mundo e, de vez em quando, precisam de questões novas, não é mesmo?

Brincadeiras à parte, vamos analisar o texto.

Observe que se trata de uma narrativa. Nela, conta-se a história de um camiseiro, que vivia numa situação financeira difícil. Suas camisas eram muito boas, mas poucas eram vendidas. Até que um anjo surgiu num sonho e

deu a brilhante ideia de mudar o nome da empresa para “Uruguai Sociedade Anônima (USA)”. No que o camiseiro estampou nas camisas a etiqueta “Made in USA.”, passou a vender camisas feito água.

Ora, essa história, como você percebeu, é só um pano de fundo. O objetivo principal é criticar a postura da sociedade.

Analisemos as alternativas:

Letra A – ERRADO – De fato, o texto critica o comportamento da sociedade que se deixa seduzir pelos modismos. Observemos que as camisas eram de boa qualidade, mas, como não carregavam uma marca forte, quase ninguém as comprava. Bastou se empregar a etiqueta “Made in U.S.A.”, numa referência bem-humorada a “Fabricado nos EUA”, que rapidamente os produtos encontraram compradores.

O que torna o item errado é um pequeno detalhe. Diz o item que se trata de um comportamento da minoria, o que não é verdade. Essa influência por modismos atinge é a maioria da sociedade, e não uma pequena amostra.

Letra B – CERTO – O verbo “ironizar” quer dizer “fazer pouco caso”, “criticar”, “desdenhar”. O autor do texto, ao fazer uso da narrativa como pano de fundo, critica o comportamento da sociedade que privilegia não a qualidade, mas as marcas, as famas, o “status”.

Letra C – ERRADO – Embora tenha sido criativa a ideia do camiseiro, não é isso o objetivo principal da crônica. A narrativa é apenas um pretexto, um pano de fundo, para se tratar de algo mais amplo, a saber: a influência de grande parte da sociedade por modismos.

Letra D – ERRADO – Como dito antes, a narrativa lida é apenas um pano de fundo para uma discussão bem mais ampla. Além disso, a crítica não é direcionada às empresas, e sim à sociedade.

Letra E – ERRADO - Como dito antes, a narrativa lida é apenas um pano de fundo para uma discussão bem mais ampla. Além disso, o texto tem por finalidade não promover, e sim criticar.

Resposta: Letra B

Identificar o objetivo principal do texto é essencial, principalmente quando se trata de textos longos. Ora, para que vocês não se percam no emaranhado de informações, **QUESTIONEM SEMPRE AO FINAL DO TEXTO QUAL A TEMÁTICA E QUAL O OBJETIVO PRINCIPAL DO TEXTO**. Esses simples questionamentos dão um norte, ajudando na identificação da coluna dorsal do texto, ou seja, seu ponto de sustentação. A partir dessa identificação, torna-se mais fácil responder as diversas questões sobre interpretação de texto.

Peço paciência a vocês para lerem o texto a seguir:

Texto

Com um pouco de exagero, costumo dizer que todo jogo é de azar. Falo assim referindo-me ao futebol que, ao contrário da roleta ou da loteria, implica tática e estratégia, sem falar no principal, que é o talento e a habilidade dos jogadores. Apesar disso, não consegue eliminar o azar, isto é, o acaso.

E já que falamos em acaso, vale lembrar que, em francês, "acaso" escreve-se "hasard", como no célebre verso de Mallarmé, que diz: "um lance de dados jamais eliminará o acaso". Ele está, no fundo, referindo-se ao fazer do poema que, em que pese a mestria e lucidez do poeta, está ainda assim sujeito ao azar, ou seja, ao acaso.

Se no poema é assim, imagina numa partida de futebol, que envolve 22 jogadores se movendo num campo de amplas dimensões. Se é verdade que eles jogam conforme esquemas de marcação e ataque, seguindo a orientação do técnico, deve-se, no entanto, levar em conta que cada jogador tem sua percepção da jogada e decide deslocar-se nesta ou naquela direção, ou manter-se parado, certo de que a bola chegará a seus pés. Nada disso se pode prever, daí resultando um alto índice de probabilidades, ou seja, de ocorrências imprevisíveis e que, portanto, escapam ao controle.

Tomemos, como exemplo, um lance que quase sempre implica perigo de gol: o tiro de canto. Não é à toa que, quando se cria essa situação, os jogadores da defesa se afligem em anular as possibilidades que têm os adversários de fazerem o gol. Sentem-se ao sabor do acaso, da imprevisibilidade. O time adversário desloca para a área do que sofre o tiro de canto seus jogadores mais altos e, por isso mesmo, treinados para cabecear para dentro do gol. Isto reduz o grau de imprevisibilidade por aumentar as possibilidades do time atacante de aproveitar em seu favor o tiro de canto e fazer o gol. Nessa mesma medida, crescem, para a defesa, as dificuldades de evitar o pior. Mas nada disso consegue eliminar o acaso, uma vez que o batedor do escanteio, por mais exímio que seja, não pode com precisão absoluta lançar a bola na cabeça de determinado jogador. Além do mais, a inquietação ali na área é grande, todos os jogadores se movimentam, uns tentando escapar à marcação, outros procurando marcá-los. Essa movimentação, multiplicada pelo número de jogadores que se movem, aumenta fantásticamente o grau de imprevisibilidade do que ocorrerá quando a bola for lançada. A que altura chegará ali? Qual jogador estará, naquele instante, em posição propícia para cabeceá-la, seja para dentro do gol, seja para longe dele? Não existe treinamento tático, posição privilegiada, nada que torne previsível o desfecho do tiro de canto. A bola pode cair ao alcance deste ou daquele jogador e, dependendo da sorte, será gol ou não.

Não quero dizer com isso que o resultado das partidas de futebol seja apenas fruto do acaso, mas a verdade é que, sem um pouco de sorte, neste campo, como em outros, não se vai muito longe; jogadores, técnicos e torcedores sabem disso, tanto que todos querem se livrar do chamado "pé frio". Como não pretendo passar por supersticioso, evito aderir abertamente a essa tese, mas quando vejo, durante uma partida, meu time perder "gols feitos", nasce-me o desagradável temor de que aquele não é um bom dia para nós e de que a derrota é certa.

Que eu, mero torcedor, pense assim, é compreensível, mas que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a lemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

Mas não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; tanto isso é certo que, hoje, entre os preparadores das equipes há sempre um psicólogo. De fato, se o jogador não estiver psicologicamente preparado para vencer, não dará o melhor de si.

Exemplifico essa crença na psicologia com a história de um técnico inglês que, num jogo decisivo da Copa da Europa, teve um de seus jogadores machucado. Não era um craque, mas sua perda desfalaria o time. O médico da equipe, depois de atender o jogador, disse ao técnico: "Ele já voltou a si do desmaio, mas não sabe quem é". E o técnico: "Ótimo! Diga que ele é o Pelé e que volte para o campo imediatamente".

(Ferreira Gullar. Jogos de azar. Em: Folha de S. Paulo, 24/06/2007.)

O autor defende a tese de que

- a) os técnicos de futebol são supersticiosos.
- b) o fator psicológico atua sobre os jogadores.
- c) o tiro de canto é uma jogada que aflige os jogadores do time que o sofre.
- d) o jogo de futebol está sujeito ao acaso, apesar da preparação dos jogadores.
- e) os resultados dos jogos de futebol são somente fruto do acaso.

RESOLUÇÃO

Analisando o texto, conseguimos identificar a temática do acaso. Como já vimos, é muito importante fazer boa delimitação. Quanto mais delimitado o tema, mais facilmente identificaremos seu propósito. Notemos que a temática do acaso se limita aos jogos, em especial aos jogos de futebol.

Toda a exposição de exemplos de lances numa partida de futebol e a descrição dos técnicos de futebol como supersticiosos deixam em evidência o objetivo central do texto: o acaso é fator decisivo numa partida de futebol, suplantando, em muitas situações, até mesmo, o preparo técnico e psicológico dos jogadores.

Analisemos cada uma das opções:

Letra A – ERRADO – Trata-se de um fato, e não uma opinião, serem muitos técnicos supersticiosos. Lembremos de que uma tese (opinião) está sujeita a contrapontos, diferentemente do fato. O autor não precisou argumentar para provar que muitos técnicos são assim. Bastou apenas descrevê-los como tais. Além disso, a superstição dos técnicos não é propriamente a tese, mas sim uma consequência advinda do fator de aleatoriedade presente nos jogos de futebol.

Letra B – ERRADO – Mais uma vez, não se trata de uma tese (opinião), mas de um fato. No trecho "Mas não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte", o emprego da expressão "como se sabe" atesta o caráter de fato.

Letra C – ERRADO – Trata-se apenas de um exemplo, que serve para a ilustrar a tese de que o acaso atua significativamente numa partida de futebol.

Letra D – CERTO – Como dito no texto, em certas situações, mesmo um time preparado tecnicamente e taticamente pode ser surpreendido pelo acaso.

Letra E – ERRADO – O autor não considera o acaso o único fator determinante de um resultado. Isso fica bem claro no seguinte trecho: Não quero dizer com isso que o resultado das partidas de futebol seja apenas fruto do acaso. O que o autor defende é a impossibilidade de eliminar o acaso das partidas de futebol, por mais que haja preparo técnico e tático.

Resposta: Letra D

Identifique as INFORMAÇÕES EXPLÍCITAS E IMPLÍCITAS

O maior desafio da análise textual está na identificação das informações presentes no texto. Não apenas as explícitas, mas principalmente as implícitas. Veja bem, não são informações invisíveis, ok? De jeito nenhum! São informações implícitas, escondidas, mas que podem ser identificadas a partir de algumas pistas deixadas no texto. Como assim, professor?

Observe a seguinte frase:

Fiz faculdade, mas aprendi alguma coisa.

Professor, mas que frase esquisita! Estranha!

De fato, o emprego da conjunção adversativa nos gera uma sensação de estranheza, levando-nos num primeiro impulso a concluir que a frase não tem coerência. Mas calma! Analisemos com mais atenção, por favor!

Primeiramente, identifiquemos as informações explícitas, ou seja, aquelas que estão visíveis. Nessa etapa, não é preciso interpretar, mas apenas ler o que lá no texto está escrito. Há duas informações que já podemos extrair: a primeira é que “Eu fiz faculdade.”; a segunda é que “Eu aprendi alguma coisa.”

Agora vamos em busca dos implícitos, ok? O que no texto vai nos fornecer a pista, o rastro, para que sejamos capazes de “descortinar” a informação implícita? Ora, investiguemos justamente a conjunção “mas”, que tanto nos causou estranheza! Sabemos que o “mas” é adversativo. O que isso significa? Que esse conector estabelece uma relação de oposição entre as ideias que ele conecta. Isso significa que o autor da frase opõe “fazer faculdade” a “aprender algo”. É como se esses dois fatos não combinassem.

Será que já somos capazes de decifrar o implícito?

Faz sentido atestar que essa frase é uma crítica velada (implícita) ao ensino superior? Seria coerente afirmar que, segundo o autor, não se aprende muito nas faculdades? Que seria algo tão atípico (incomum) que ele, por ter feito faculdade e aprendido algo, é uma exceção à regra?

Sim, são as respostas!

A essa habilidade de identificar implícitos, que considero o pilar de sustentação da interpretação, damos o nome de **INFERÊNCIA** ou **DEPREENSÃO**.

INFERIR OU DEPREENDER é deduzir a partir dos implícitos.

Vamos praticar? Veja o exercício a seguir:

QUESTÃO - Analise as frases extraídas de anúncios e assinale a opção cuja inferência é válida:

a) Revista XYZ: uma revista tão boa que as notícias nem precisam ser ruins.”

Inferência: O leitor lê a revista XYZ porque a revista não traz notícias ruins.

b) “Não acredito que você errou essa questão, Fulano!”

Inferência: A questão que Fulano errou era difícil.

c) “Ele era um garoto ajuizado, apesar de jovem.”

Inferência: O autor da frase alega que o jovem geralmente não tem juízo.

d) “Ele foi o único aluno que acertou a questão difícil da prova.”

Inferência: Grande parte dos alunos acertaram a questão difícil da prova.

e) “Não resolvemos as questões que eram difíceis.”

Inferência: Não havia questões de nível fácil ou mediano na prova.

RESOLUÇÃO:

Letra A – ERRADO – O anúncio dá a entender que o público geralmente considera boas as revistas que trazem notícias ruins – desastres, denúncias, sofrimento, etc. No caso da revista XYZ, ela apresenta tantas outras qualidades, que não precisa trazer notícias ruins. Sendo assim, o leitor lê a revista XYZ, porque ela apresenta outras qualidades.

Letra B – ERRADO – Não necessariamente a questão que Fulano errou era difícil. Simplesmente se esperava que Fulano acertasse a questão, ou por ser fácil ou por ser difícil. O fato é que se julgava Fulano como apto a acertá-la, o que não ocorreu.

Letra C – CERTO – Pode não ter sido a intenção, mas foi isso que o autor da frase disse. Ao estabelecer a relação de sentido pelo conector “embora”, dá a entender que não é comum um jovem ser ajuizado, pois “ser ajuizado” e “jovem” são contrastantes.

Letra D – ERRADO – Ora, se ele foi o único, logo somente ele acertou, e não grande parte da turma.

Letra E – ERRADO – Observe que a oração “que eram difíceis” é adjetiva restritiva, dando a entender que nem todas as questões da prova eram difíceis, apenas algumas. Sendo assim, é possível afirmar que algumas questões ou eram fáceis ou eram medianas.

Resposta: Letra C

Converta a LINGUAGEM CONOTATIVA EM DENOTATIVA.

Muitas vezes, o texto não diz de forma direta o que quer dizer!

Expressar-se de forma direta é empregar uma linguagem predominantemente denotativa. E o que seria a denotação? Trata-se do sentido literal, ou seja, o sentido dicionário dos termos e expressões.

Mas imagine se a todo momento nos expressássemos de forma literal? O mundo seria muito chato, não concorda? Por isso, costumamos empregar uma linguagem, muitas vezes, conotativa. E o que seria a conotação? Trata-se do sentido figurado, ou seja, o sentido que vai além do literal.

Não é difícil perceber o emprego da linguagem conotativa. Quando você me diz que “está morrendo de estudar”, é claro que não posso imaginar que o estudo esteja levando você a um risco de óbito! Devo entender aí um sentido figurado, atestando que você está estudando muito, certo?

Vamos a um exemplo mais elaborado. Leia o seguinte fragmento e me diga o que exatamente você entendeu, ok?

Se você quer construir um navio, não peça as pessoas que consigam madeira, não dê a elas tarefas e trabalhos. Fale, antes, a elas, longamente, sobre a grandeza e a imensidão do mar. (Saint-Exupéry)

Vem cá, a menção ao navio, à madeira, ao mar, pode ser levada ao pé da letra? É isso mesmo? Será que o ditado acima reproduzido não nos quer dizer algo a mais? Olhe bem, para que falar sobre a grandeza e imensidão do mar? E longamente. Qual o propósito? Professor, eu penso que, se a pessoa se conscientiza do desafio que é navegar por um mar imenso e misterioso, ela se sente bem mais motivada e inspirada a construir suas embarcações. Seria isso? Vamos mais a fundo e resuma com uma única palavra o que esse ditado quer nos dizer. Deixe-me ajudá-lo. A palavra que buscamos é ... **MOTIVAÇÃO**.

Vamos traduzir da linguagem conotativa para a denotativa? Fica assim: ***primeiro devemos motivar as pessoas para o trabalho, e não simplesmente passar tarefas sem um propósito bem claro para quem vai as executar.***

Uma maneira excelente de se treinar a habilidade de conversão da linguagem conotativa em denotativa é traduzir alguns dos ditados populares, alguns mais conhecidos, outros nem tanto.

Vejamos:

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

= *A persistência leva à superação dos obstáculos.*

Antes de se matar a onça não se faz negócio com o couro.

= *O indivíduo não deve tomar decisões baseadas na suposição daquilo que ainda não ocorreu.*

Vamos ver mais um exemplo?

"E agora, José?"

Há versos célebres que se transmitem através das idades do homem, como roteiros, bandeiras, cartas de marear, sinais de trânsito, bússolas – ou segredos. Este, que veio ao mundo muito depois de mim, pelas mãos de Carlos Drummond de Andrade, acompanha-me desde que nasci, (...)

Considero privilégio meu dispor deste verso, porque me chamo José e muitas vezes na vida me tenho interrogado: "E agora?" Foram aquelas horas em que o mundo escureceu, em que o desânimo se fez muralha, fosso de víboras, em que as mãos ficaram vazias e atônitas. "E agora, José?" Grande, porém, é o poder da poesia para que aconteça, como juro que acontece, que esta pergunta simples aja como um tônico, um golpe de espora, e não seja, como poderia ser, tentação, o começo da interminável ladainha que é a piedade por nós próprios.

Em todo o caso, há situações de tal modo absurdas (ou que o pareceriam vinte e quatro horas antes), que não se pode censurar a ninguém um instante de desconforto total, um segundo em que tudo dentro de nós pede socorro, ainda que saibamos que logo a seguir a mola pisada, violentada, se vai distender vibrante e verticalmente armar. Nesse momento veloz tocara-se o fundo do poço.

SARAMAGO, José. In: _____. A bagagem do viajante. São Paulo: Companhia das Letras

COMENTÁRIOS

O autor usa uma linguagem figurada carregada de significados. A "mola pisada, violentada" faz menção a situações de desalento, desesperança, que, no entanto, são passageiras. Tanto o são que, passados os momentos de tensão, "a mola se distende vibrante", dando a entender que a situação de desespero cede lugar à sensação de esperança e satisfação. Resumidamente, faz-se menção ao caráter passageiro das adversidades. A expressão "Em todo o caso" relativiza (atenua) o conteúdo do parágrafo anterior, ao afirmar que nem sempre a motivação será uma resposta possível a situações adversas. Há situações em que se toca o "fundo do poço", resultando numa sensação de desconforto total. Dessa forma, nesses casos, a desesperança é praticamente inevitável.

Identifique OS RECURSOS E AS ESTRATÉGIAS empregados.

Identificado o tema e o propósito principal do texto lido, é preciso detalhar como se chegou a esse resultado, reconhecendo os recursos e as estratégias nele empregados pelo autor. Esse caminho também pode ser invertido. Como assim? Em alguns textos, é mais fácil identificar os recursos e estratégias empregados e, assim, identificar seu tema e objetivos. Fique tranquilo! Trabalharemos exemplos a seguir que ilustrarão essa técnica.

Para cada tipo de texto, assim como para cada propósito, há recursos mais ou menos pertinentes. Por exemplo, se se trata de um texto de caráter jornalístico, cujo objetivo principal é informar da forma mais clara possível, com certeza o emprego de metáforas não é nem um pouco apropriado; seria bem mais adequado o emprego da linguagem denotativa para se cumprir esse propósito. Se se trata de um texto de caráter literário, cujo

objetivo é enfatizar um lirismo (sentimento), o emprego da denotação não é nem um pouco bem-vindo (costuma-se dizer que “a denotação é a morte do texto literário”); seria bem mais adequado o emprego das metáforas e outras figuras de linguagem.

Não há, contudo, um gabarito já pré-formatado. Não é possível, de antemão, apenas pela identificação do tipo de texto e do seu objetivo principal, já identificar o recurso ou estratégia empregada no texto. Lembre-se de que a criatividade humana não possui teto. Muitas vezes, entra em cena a originalidade, que dá ao texto um caráter singular ou, até mesmo, inesperado. Quer um exemplo?

Com o declínio da velha lavoura e a quase concomitante ascensão dos centros urbanos, precipitada grandemente pela vinda, em 1808, da Corte Portuguesa e depois pela Independência, os senhorios rurais principiam a perder muito de sua posição privilegiada e singular. Outras ocupações reclamam agora igual eminência, ocupações nitidamente citadinas, como a atividade política, a burocracia, as profissões liberais.

É bem compreensível que semelhantes ocupações venham a caber, em primeiro lugar, à gente principal do país, toda ela constituída de lavradores e donos de engenhos. E que, transportada de súbito para as cidades, essa gente carregue consigo a mentalidade, os preconceitos e, tanto quanto possível, o teor de vida que tinham sido atributos específicos de sua primitiva condição.

Não parece absurdo relacionar a tal circunstância um traço constante de nossa vida social: a posição suprema que nela detêm, de ordinário, certas qualidades de imaginação e “inteligência”, em prejuízo das manifestações do espírito prático ou positivo. O prestígio universal do “talento”, com o timbre particular que recebe essa palavra nas regiões, sobretudo, onde deixou vinco mais forte a lavoura colonial e escravocrata, como o são eminentemente as do Nordeste do Brasil, provém sem dúvida do maior decoro que parece conferir a qualquer indivíduo o simples exercício da inteligência, em contraste com as atividades que requerem algum esforço físico.

O trabalho mental, que não suja as mãos e não fatiga o corpo, pode constituir, com efeito, ocupação em todos os sentidos digna de antigos senhores de escravos e dos seus herdeiros. Não significa forçosamente, neste caso, amor ao pensamento especulativo, – a verdade é que, embora presumindo o contrário, dedicamos, de modo geral, pouca estima às especulações intelectuais – mas amor à frase sonora, ao verbo espontâneo e abundante, à erudição ostentosa, à expressão rara. E que para bem corresponder ao papel que, mesmo sem o saber, lhe conferimos, inteligência há de ser ornamento e prenda, não instrumento de conhecimento e de ação.

Numa sociedade como a nossa, em que certas virtudes senhoriais ainda merecem largo crédito, as qualidades do espírito substituem, não raro, os títulos honoríficos, e alguns dos seus distintivos materiais, como o anel de grau e a carta de bacharel, podem equivaler a autênticos brasões de nobreza. Aliás, o exercício dessas qualidades que ocupam a inteligência sem ocupar os braços, tinha sido expressamente considerado, já em outras épocas, como pertinente aos homens nobres e livres, de onde, segundo parece, o nome de liberais dado a determinadas artes, em oposição às mecânicas que pertencem às classes servis.

(Sérgio Buarque de Holanda. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984, p. 50-51)

No texto, há predominância do tom

a) saudosista.

- b) crítico.
- c) sarcástico.
- d) cômico.
- e) revoltado.

RESOLUÇÃO

Há no texto uma caracterização daquilo a que costumamos chamar de “inteligência”, bem como uma tentativa do autor de explicar o seu significado sob o ponto de vista da História. Segundo o texto, a súbita transição da vida rural para a urbana, com a substituição das atividades na lavoura pelas atividades ditas liberais, fez surgir um conceito de inteligência associado ao exercício de atividades que não demandassem esforço físico.

Não se tratava, portanto, de valorizar o intelecto, mas sim de distinguir aqueles praticantes de atividades braçais dos afortunados praticantes de atividades nobres.

Isso fica bem claro no seguinte trecho: *“O trabalho mental, que não suja as mãos e não fatiga o corpo, pode constituir, com efeito, ocupação em todos os sentidos digna de antigos senhores de escravos e dos seus herdeiros. Não significa forçosamente, neste caso, amor ao pensamento especulativo, – a verdade é que, embora presumindo o contrário, dedicamos, de modo geral, pouca estima às especulações intelectuais – mas amor à frase sonora, ao verbo espontâneo e abundante, à erudição ostentosa, à expressão rara.”*

Há, dessa forma, uma crítica à sociedade brasileira e às suas tradições. Fala-se da divisão de classes e da utilização da “inteligência” não como marca de conhecimento, mas sim como mera distinção ou titulação social.

Não manifesta o autor saudosismo (*saudade*) tampouco revolta.

Muito menos trata o assunto de forma cômica (*engraçada*).

Alguns poderiam atestar que o texto apresenta trechos irônicos, como de fato expressa. Mas seria errado afirmar que o texto é sarcástico, pois este implica um sentimento de regozijo (*prazer*) com o sofrimento ou tormento alheio, o que não é o caso.

Resposta: Letra B

IMPORTANTE!

Ser irônico é simplesmente falar uma coisa para significar outra. O texto, ao citar “inteligência” – note seu uso entre aspas -, deixa claro que não fala do seu sentido estrito, original, associado a conhecimento. Diz, portanto, uma coisa para significar outra.

Ser sarcástico é se regozijar (*se satisfazer*) com o sofrimento ou tormento alheio. É o chamado “humor negro”. No popular é “rir das desgraças”! Não é o caso do texto, cujo teor é crítico, com passagens irônicas, mas que não chegam a ser sarcásticas.

A BOA MORTE

Aparentemente ninguém deu muita bola para a proposta, feita pela comissão de juristas que revê o Código Penal, de descriminalizar certos tipos de eutanásia. Esse, entretanto, é um assunto importantíssimo e que tende a ficar cada vez mais premente, à medida que a população envelhece e a medicina amplia seu arsenal terapêutico.

Desligar as máquinas que mantêm um paciente vivo pode ser descrito como um caso de homicídio, ainda que com o objetivo nobre de evitar sofrimento, ou como uma recusa em prosseguir com tratamento fútil, o que é perfeitamente legal.

Como sempre, acho que cabe a cada qual fazer suas próprias escolhas. Mas, já que nem sempre sabemos o que é melhor, convém dar uma espiadela em como pensam aqueles que, de fato, entendem do assunto.

Num artigo que está movimentando a blogosfera sanitária e já foi reproduzido no "Wall Street Journal" e no "Guardian", o doutor Ken Murray sustenta que, embora os médicos apliquem todo tipo de manobra heroica para prolongar a vida de seus pacientes, quando se trata de suas próprias vidas e das de seus entes queridos, eles são bem mais comedidos.

Como estão familiarizados com o sofrimento e os desfechos das medidas extremas, querem estar seguros de que, quando a sua hora vier, ninguém vai tentar reanimá-los nem levá-los a uma UTI para entubá-los e espetá-los com cateteres. Murray diz que um de seus colegas chegou a tatuar o termo "no code" (sem ressuscitação) no próprio corpo.

A pergunta que fica, então, é: se não são sádicos, por que os médicos fazem aos outros o que não desejam para si mesmos? E a resposta de Murray é que ocorre uma perversa combinação de variáveis emocionais, econômicas, mal-entendidos linguísticos, além, é claro, da própria lógica do sistema. Em geral, para o médico é muito mais fácil e seguro apostar no tratamento, mesmo que ele se estenda para muito além do razoável.

(Hélio Schwartzman - Folha de São Paulo, 18/03/2012)

No artigo de Hélio Schwartzman, levanta-se o debate acerca da eutanásia e do impasse ético que a permeia. A principal estratégia argumentativa empregada pelo jornalista visando a destacar a necessidade de uma maior discussão sobre o problema consiste em:

- a) evidenciar a insegurança com o tema de parcela da classe médica.
- b) exemplificar um comportamento incoerente de parcela da classe médica.
- c) denunciar os interesses econômicos escusos no sistema de saúde vigente.
- d) denunciar o comportamento incoerente e sádico dos juristas favoráveis à eutanásia.
- e) criticar a intransigência de familiares de pacientes em estado terminal.

RESOLUÇÃO

A letra A está errada, pois parcela da classe médica é criticada não pela insegurança, mas pela incoerência das ações. Recomendam-se para pacientes tratamentos que os médicos não recomendariam nem para si nem para seus familiares.

A letra C está errada, pois, apesar de ser possível inferir o interesse econômico na continuidade de tratamentos ineficazes, não é este o principal argumento que norteia o texto do autor. O destaque da argumentação está no comportamento incoerente dos médicos.

A letra D está errada, pois a crítica não é dirigida aos juristas, e sim às pessoas que pouco deram atenção às propostas que visavam a descriminalizar certos tipos de eutanásia.

A letra E está errada, pois não são os familiares os alvos de crítica, e sim parcela da classe médica que recomenda a pacientes tratamentos que os próprios médicos não indicariam para si e para parentes.

Por essas razões, a resposta é a letra B.

Resposta: Letra B

Tente PARAFRASEAR o texto de forma resumida.

Depois analisar os pontos principais envolvidos na Interpretação de Textos, é interessante que, daqui para frente, otimizemos nossa leitura, de modo a criar fluência em textos de diversos tipos e gêneros. Uma técnica interessante consiste em PARAFRASEAR de forma sucinta o texto ao final de sua leitura.

Professor, o que significa parafrasear? Parafrasear é reproduzir o conteúdo original empregando suas próprias palavras. Meus amigos, eu só me convenço de que entendi um texto quando eu consigo reproduzir com as minhas próprias palavras o que foi dito pelo autor.

Tente fazer isso, não na forma escrita obviamente, pois tomará muito tempo seu, mas na forma oral e mental, para você mesmo, entende? A técnica da paráfrase de forma resumida é muito eficiente, pois mostra que você foi capaz de identificar as principais informações presentes no texto.

O que necessariamente deve estar presente em seu resumo?

- i) o tema principal (vide o item 1.1);
- ii) a intenção principal (vide o item 1.2);
- iii) os fatos, os dados ou os argumentos principais (vide o item 1.5);
- iv) a conclusão, se houver

Vejamos um exemplo de como isso pode ser feito. Leia o texto a seguir, por favor! Vamos lá, moçada, sem preguiça! Está cansado? Então para um pouco e depois continua, meu amigo! Vamos lá, tenhamos persistência!

Você está conectado?

Alguns anos atrás, a palavra "conectividade" dormia em paz, em desuso, nos dicionários, lembrando vagamente algo como ligação, conexão. Agora, na era da informática e de todas as mídias, a palavra pulou para dentro da cena e ninguém mais admite viver sem estar conectado. Desconfio que seja este o paradigma dominante dos últimos e dos próximos anos, em nossa aldeia global: o primado das conexões.

No ônibus de viagem, de que me valho regularmente, sou quase uma ilha em meio às mais variadas conexões: do vizinho da direita vaza a chiadeira de um fone de ouvido bastante ineficaz; do rapazinho à esquerda chega a viva conversa que mantém há quinze minutos com a mãe, pelo celular; logo à frente um senhor desliza os dedos no laptop no colo, e se eu erguer um pouquinho os olhos dou com o vídeo – um filme de ação – que passa nos quatro monitores estrategicamente posicionados no ônibus. Celulares tocam e são atendidos regularmente, as falas se cruzam, e eu nunca mais consegui me distrair com o lento e mudo crepúsculo, na janela do ônibus.

Não senhor, não são inocentes e efêmeros hábitos modernos: a conectividade irrestrita veio para ficar e conduzir a humanidade a não sabemos qual destino. As crianças e os jovens nem conseguem imaginar um mundo que não seja movido pela fusão das mídias e surgimento de novos suportes digitais. Tanta movimentação faz crer que, enfim, os homens estreitaram de vez os laços da comunicação.

Que nada. Olhe bem para o conectado ao seu lado. Fixe-se nele sem receio, ele nem reparará que está sendo observado. Está absorto em sua conexão, no paraíso artificial onde o som e a imagem valem por si mesmos, linguagens prontas em que mergulha para uma travessia solitária. A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou. É disfarce tão eficaz que os próprios disfarçados não se reconhecem como tais. Emitimos e cruzamos frenéticos sinais de vida por todo o planeta: seria esse, Dr. Freud, o sintoma maior de nossas carências permanentes?

(Coriolano Vidal, inédito)

Será que eu entendi corretamente o texto? Vamos conferir! Respondamos às perguntas:

i) Qual o tema principal?

Resposta: O texto fala sobre a conectividade, palavra que adquiriu um significado mais amplo nos dias atuais, associada à comunicação irrestrita.

ii) Qual a intenção principal do texto?

Resposta: Evidenciar a contradição entre o fato de estarmos mais conectados do que nunca e de, mesmo assim, sentirmo-nos sós.

iii) Quais os fatos, os dados ou os argumentos principais presentes no texto?

Resposta: O autor cita exemplos do dia a dia, como numa viagem de ônibus, em que praticamente todos os passageiros estão fazendo uso de algum equipamento eletroeletrônico, concentrados num mundo virtual com regras e linguagens próprias.

iv) Qual a conclusão?

Resposta: A conectividade é um eficiente disfarce utilizado pela solidão humana.

Eis o nosso resumo:

O texto fala sobre a conectividade, palavra que adquiriu um significado mais amplo nos dias atuais, associada à comunicação irrestrita. Sua principal intenção é evidenciar a contradição entre o fato de estarmos mais conectados do que nunca e de, mesmo assim, sentirmo-nos sós. O autor cita exemplos do dia a dia, como numa viagem de ônibus,

em que praticamente todos os passageiros estão fazendo uso de algum equipamento eletroeletrônico, concentrados num mundo virtual com regras e linguagens próprias. A conectividade é, portanto, um eficiente disfarce da solidão humana.

Tome cuidado com os **DISTRADORES!**

Moçada, ao resolver uma questão de Interpretação de Textos, vocês já devem ter se deparado com a seguinte situação: *de cinco opções, uma já se elimina com facilidade, pois é absurda; outras duas se eliminam com um pouco mais de esforço; mas duas restam e é quase imperceptível identificar o erro presente em uma ou outra.*

"Professor, é exatamente isso que ocorre! E sabe o que é de lascar? Entre as duas que sobram, eu sempre assinalo no gabarito a errada. Já aconteceu até de marcar a correta, mas, na hora de passar para o gabarito, eu mudei de ideia e assinalei a errada. Que ódio!!!".

Calma, jovem! Essa dúvida não se dá por acaso. Ao elaborar uma questão, denominada tecnicamente de item de avaliação, as bancas examinadoras procuram inserir os chamados **distratores**. *E o que seriam esses distratores, professor?* Note que há uma correspondência com "distração", você percebeu?

Os distratores são, assim, pequenos acréscimos que tornam o item errado. Quanto mais explícitos os distratores, mais fácil fica perceber que o item está falso. São aquelas opções que já eliminamos "de primeira", pois são absurdas. No entanto, quando os distratores são muito discretos, fica difícil perceber que o item está falso e isso gera os malditos erros nas questões de que você e eu tanto temos raiva.

Um exercício muito salutar consiste em, numa questão de Interpretação, não só se convencer da validade da opção que é gabarito, mas também se convencer por que as demais não podem ser nossa resposta. Claro que, no dia da sua prova, sua análise precisa ser mais objetiva, mas, nesta fase de treinamento em que nos encontramos, considero importante "forçar" um pouco! Responder por que tal letra está correta e as demais estão falsas fará você calibrar sua atenção no sentido de identificar mais facilmente os distratores. Sua fluência na leitura e seu grau de acerto nas questões tende a subir significativamente!

Vamos ver isso na prática?

Conheço inúmeras pessoas que mentem, inventando origens fidalgas. Para falar a verdade, mente-se por qualquer motivo: as pessoas ficam com vergonha quando estão doentes e dizem que estão ótimas; comentam que a amiga está bem vestida, quando acham um horror; elogiam alguém que emagreceu, para comentar nas costas que continua gordíssima. Eu mesmo minto: digo que vou viajar para fugir de um almoço; reclamo que não me sinto bem e fujo de um compromisso; finjo para mim mesmo que no próximo mês começo um regime e perderei a barriga. Faço promessas para depois da novela. Para um amigo, prometo visitá-lo em Los Angeles. Outro em San Francisco. Marquei uma viagem à Rússia com um grupo, só falta "definir a data". Ao meu editor, digo que escreverei um livro. Combino de montar um grupo de cozinha gourmet. E deixo tudo para depois, quem sabe? Ultimamente, tento parar com isso. Se me convidam, digo que não posso. Se vou a uma peça de teatro e não gosto, digo isso mesmo, que não gostei. Sempre dá errado, a pessoa preferia uma mentira. A franqueza, descobri, é muito malvista. Até considerada falta de educação.

CARRASCO, Walcyr. In: <http://epoca.globo.com/colunas-blogs/walcyrcarrasco/noticia/2013/10/mentem-bcomo-respiramb.html> (acesso em 15/12/2013).

QUESTÃO 01 - Com base no texto, é possível afirmar que a mentira, para o autor, é uma atitude muito comum no convívio social.

() CERTO () ERRADO

QUESTÃO 02 - O autor desse texto considera a mentira algo imprescindível para a vida em sociedade.

() CERTO () ERRADO

QUESTÃO 03 - Com base no trecho "Ultimamente, tento parar com isso", infere-se que a honestidade do escritor revela a sua disposição firme de expressar-se com mais sinceridade.

() CERTO () ERRADO

QUESTÃO 04 - O autor assume que é mentiroso, contudo mostra-se desejoso de mudar essa condição.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Você deve ter sentido facilidade nos itens 01 e 04. Os distratores neles presentes são muito frágeis, o que torna fácil a avaliação dos itens.

O texto, logo no seu início, afirma que "Para falar a verdade, mente-se por qualquer motivo...", o que dá a entender que a mentira é algo comum no convívio social. Os exemplos enumerados de desculpas mentirosas reforçam essa afirmação, o que torna o **item 01 CERTO!**

Já os trechos "Eu mesmo minto" e "Ultimamente tento parar com isso!" evidenciam que o autor se reconhece como mentiroso, mas se mostra disposto a parar de mentir, o que torna o **item 04 CERTO!**

Já os itens 02 e 03 são mais sutis!

No item 02, afirma-se que, segundo o autor, a mentira é algo imprescindível para a vida em sociedade. Aqui é necessário atentar para o significado da palavra "imprescindível", resultado da união do prefixo de negação "im-" com o adjetivo "prescindível". Esse adjetivo deriva do verbo "prescindir", que significa "dispensar", "abrir mão". Dessa forma, algo "imprescindível" pode se traduzido como "indispensável".

Mas calma lá! O autor está tentando parar de mentir, correto? Ora, se ele está tentando parar de mentir, é porque ele acredita que seja possível viver sem mentir, correto? Ora, se ele acredita poder viver sem mentir, ele crê que a mentira seja algo dispensável, prescindível, correto? Isso torna, portanto, o **item 02 ERRADO**. Note que o distrator

é bem sutil! O item está ERRADO por culpa exclusivamente do prefixo de negação "IM-". A ausência deste tornaria CERTO o item!

Já no item 03, o distrator é mais discreto ainda! O item afirma que o autor se mostra disposto a se expressar com "mais sinceridade". Ora, se a intenção é ser mais sincero, pressupõe-se que ele já seja sincero, correto? Se uma pessoa quer ser mais habilidosa, pressupõe-se que ela já seja habilidosa, não é verdade? Mas, segundo o próprio autor, ele era sincero? Ele mesmo disse "Eu mesmo minto.". O autor não está buscando ser mais sincero, pois ele não o era. Ele está, na verdade, é buscando ser sincero! Isso torna, portanto, o **item 03 ERRADO**. Note que o distrator é muuuuito sutil! O item está ERRADO por culpa exclusivamente do advérbio "MAIS". A ausência deste tornaria CERTO o item!

Vamos para mais um exemplo?

"Não pensar mais em si"

Seria necessário refletir sobre isso seriamente: por que saltamos à água para socorrer alguém que está se afogando, embora não tenhamos por ele qualquer simpatia particular? Por compaixão: só pensamos no próximo – responde o irrefletido. Por que sentimos a dor e o mal-estar daquele que cospe sangue, embora na realidade não lhe queiramos bem? Por compaixão: nesse momento não pensamos mais em nós – responde o mesmo irrefletido.

A verdade é que na compaixão – quero dizer, no que costumamos chamar erradamente compaixão – não pensamos certamente em nós de modo consciente, mas inconscientemente pensamos e pensamos muito, da mesma maneira que, quando escorregamos, executamos inconscientemente os movimentos contrários que restabelecem o equilíbrio, pondo nisso todo o nosso bom senso.

O acidente do outro nos toca e faria sentir nossa impotência, talvez nossa covardia, se não o socorrêssemos. Ou então traz consigo mesmo uma diminuição de nossa honra perante os outros ou diante de nós mesmos. Ou ainda vemos nos acidentes e no sofrimento dos outros um aviso do perigo que também nos espia; mesmo que fosse como simples indício da incerteza e da fragilidade humanas que pode produzir em nós um efeito penoso.

Rechaçamos esse tipo de miséria e de ofensa e respondemos com um ato de compaixão que pode encerrar uma sutil defesa ou até uma vingança. Podemos imaginar que no fundo é em nós que pensamos, considerando a decisão que tomamos em todos os casos em que podemos evitar o espetáculo daqueles que sofrem, gemem e estão na miséria: decidimos não deixar de evitar, sempre que podemos vir a desempenhar o papel de homens fortes e salvadores, certos da aprovação, sempre que queremos experimentar o inverso de nossa felicidade ou mesmo quando esperamos nos divertir com nosso aborrecimento. Fazemos confusão ao chamar compaixão ao sofrimento que nos causa um tal espetáculo e que pode ser de natureza muito variada, pois em todos os casos é um sofrimento de que está isento aquele que sofre diante de nós: diz-nos respeito a nós tal como o dele diz respeito a ele. Ora, só nos libertamos desse sofrimento pessoal quando nos entregamos a atos de compaixão. [...]

QUESTÃO 01 - Sobre as ideias apresentadas no texto lido, é correto afirmar:

- a) O conceito de “compaixão” apresentado pelo autor do texto ratifica a definição empregada costumeiramente pelo público em geral.
- b) O autor defende a ideia de que o sentimento de compaixão é condicionado à vontade do indivíduo em se portar de forma altruísta.
- c) O ato de compaixão, na visão do autor do texto, tem natureza involuntária, sendo, muitas vezes, uma espécie de resposta à vulnerabilidade a que estamos naturalmente sujeitos.
- d) A prática dos atos de compaixão, de acordo com o autor do texto, é prescindível para que nos libertemos do sentimento que é presenciar os variados tipos de sofrimento alheio.
- e) A entrega aos atos de compaixão, de acordo com o autor, significa a predominância do sentimento altruísta, sintetizado no título do texto “Não pensar em si”.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADO – O conceito de “compaixão” tomado pelo público é o associado à solidariedade e ao altruísmo. Isso fica claro nas duas respostas apresentadas no primeiro parágrafo: “Por compaixão: só pensamos no próximo” e “Por compaixão: nesse momento não pensamos mais em nós”.

Esse conceito, no entanto, é contrariado pelo autor do texto, que associa à compaixão um sentimento inconsciente de se pensar muito em si, como um ato reflexo que tenta estabelecer o equilíbrio do corpo quando se escorrega. A discordância do autor fica bem clara em “quero dizer, no que costumamos chamar erradamente compaixão”.

O **DISTRATOR** presente na Letra A, portanto, está no emprego do parônimo “ratificar”, que significa “confirmar”. É ele o responsável por tornar o item ERRADO.

Letra B – ERRADO – O autor entende que a compaixão é um ato involuntário, ou seja, não está condicionado à vontade, mas sim a uma reação instintiva que impede que deixemos os outros sofrerem por acreditarmos que nossa inação seja uma desonra, uma prova de impotência ou um sinal de que o perigo também nos ronda.

O **DISTRATOR** presente na Letra B, portanto, está no emprego do participio “condicionado”. Na verdade, os atos de compaixão se apresentam incondicionados pela vontade do indivíduo.

Letra C – CERTO – De fato, o autor compara os gestos de compaixão às reações instintivas do nosso corpo que tentam restabelecer o equilíbrio quando escorregamos. E uma das justificativas para essa decisão inconsciente é que temos medo ser atingidos pelos mesmos perigos que fazem um semelhante sofrer, evidenciando, assim, nossa fraqueza e vulnerabilidade.

Essa ideia pode facilmente ser percebida no seguinte trecho: “Ou ainda vemos nos acidentes e no sofrimento dos outros um aviso do perigo que também nos espia; mesmo que fosse como simples indício da incerteza e da fragilidade humanas que pode produzir em nós um efeito penoso.”.

Letra D – ERRADO – Observemos o trecho: “Ora, só nos libertamos desse sofrimento pessoal quando nos entregamos a atos de compaixão.”. A presença do advérbio “só” (= somente) indica que a prática de atos de compaixão é indispensável para que nos libertemos desse sofrimento. Dessa forma, nunca nos libertaremos desse sofrimento se não nos entregarmos aos atos de compaixão, provando, assim, que a compaixão é imprescindível.

O **DISTRATOR** presente na Letra D, portanto, está no emprego do adjetivo “prescindível”.

Letra E – ERRADO – De acordo com o autor do texto, quando nos entregamos a atos de compaixão, estamos na verdade pensando em nós mesmos, o que torna equivocada a afirmação de que o altruísmo predomina sobre o “pensar em si”. Isso fica bem claro no seguinte trecho: “Podemos imaginar que no fundo é em nós que pensamos, considerando a decisão que tomamos em todos os casos em que podemos evitar o espetáculo daqueles que sofrem, gemem e estão na miséria”.

O **DISTRATOR** presente na Letra E, portanto, está no emprego do substantivo “predominância”.

Resposta: Letra C

QUESTÃO 02 - O objetivo principal do texto é

- a) incentivar a prática voluntariosa de atos de compaixão, visando à busca do bem-estar predominantemente coletivo.
- b) criticar o excesso de individualismo que muitas vezes impede a prática de atos de compaixão.
- c) simbolizar no sofrimento alheio a prova inconteste de nossa fragilidade e vulnerabilidade como seres humanos.
- d) apontar o pensar em si como componente de destaque presente nas tomadas de decisão que resultam em atos de compaixão.
- e) relativizar a necessidade de afinidade com a pessoa que sofre como requisito para a prática de atos de compaixão.

RESOLUÇÃO

O **DISTRATOR**, muitas vezes, já vem no próprio enunciado. Quando a questão pergunta o “objetivo principal”, perceba que algumas opções tentarão induzir você a considerar uma informação secundária como principal. Tome cuidado!

Letra A – ERRADO – Primeiramente, a mensagem do texto não é de incentivo, mas de esclarecimento. Visa o autor do texto provar a tese de que a prática de atos de compaixão é estimulada inconscientemente por decisões individuais, baseadas no “pensar em si”. Com a prática dos atos de compaixão, busca-se não um bem-estar coletivo, mas um bem-estar individual, que resulta da libertação do sentimento de sofrimento pessoal quando nos deparamos com uma dor alheia.

Letra B – ERRADO – Não se critica o individualismo no texto. Na verdade, afirma-se que são as decisões inconscientes que buscam um bem-estar individual que levam à prática de atos de compaixão. O individualismo não seria, portanto, um impeditivo, pois a compaixão é resultado de atos involuntários, que ocorrem de forma automática, como atos reflexos que tentam reequilibrar o corpo quando este escorrega.

Letra C – ERRADO – De fato, o sofrimento alheio desperta a noção de nossa fragilidade e vulnerabilidade. Isso fica bem claro no trecho: “Ou ainda vemos nos acidentes e no sofrimento dos outros um aviso do perigo que também nos espia; mesmo que fosse como simples indício da incerteza e da fragilidade humanas que pode produzir em nós um efeito penoso.”. No entanto, essa é uma das justificativas que estimulam a prática de atos de

compaixão, não a única. Portanto, o objetivo principal do texto não pode ser reduzido à ideia de que o sofrimento dos outros é sinal da nossa fraqueza.

O objetivo é mostrar que motivações individuais inconscientes, e não o simples “pensar no outro”, desencadeiam atos de compaixão.

Letra D – CERTO – O autor desconstrói a ideia original de que os atos de compaixão são motivados pelo pensar no outro, e não mais em si. De forma inconsciente, ao se praticar um ato de compaixão, está-se pensando muito em si.

Letra E – ERRADO – As duas perguntas formuladas no 1º parágrafo, de certa forma, atenuam (relativizam) a necessidade de afinidade para que pratiquemos atos de compaixão. O ato de solidariedade diante do sofrimento alheio independe, pois, da boa relação entre os indivíduos. No entanto, não é esse o foco central do texto. Trata-se apenas de um exemplo, que ilustra a tese de que a prática dos atos de compaixão é motivada inconscientemente pelo “pensar em si”.

Resposta: Letra D

Questões comentadas pelo professor

Texto para as questões 01 a 02

A liberdade enriquece

A liberdade surge no oceano da economia, de onde se espraia para todos os lugares. Isso é o que imaginava Ludwig von Mises, o arquiteto mais destacado da escola austríaca de economistas neoclássicos. Ele estava errado: a liberdade nasceu no continente da política, mais propriamente como liberdade de expressão – o direito de imprimir sem licença. O parto deu-se pelas mãos do poeta e polemista John Milton, em 1644, no epicentro da Guerra Civil Inglesa entre o Parlamento e a Monarquia. Naquele ano, Milton publicou a *Aeropagítica*, fonte do mais clássico dos argumentos racionais contra a censura: os seres humanos são dotados de razão e, portanto, da capacidade de distinguir as boas ideias das más.

Ludwig von Mises não errou em tudo; acertou no principal. Liberdade não é um artigo de luxo, um bem etéreo, desconectado da economia. A Grã-Bretanha acabou seguindo o caminho preconizado por Milton e se converteu na maior potência do mundo. Os Estados Unidos, com sua Primeira Emenda à Constituição – que proíbe a edição de leis que limitem a liberdade de religião, a liberdade de expressão e de imprensa ou o direito de reunião pacífica –, assumiram o primeiro posto no século XX. Liberdade funciona, pois a criatividade é filha da crítica.

(Trecho adaptado de Demétrio Magnoli. Veja, 22 de setembro de 2010, pp. 80-81)

1. INÉDITA

Considerando-se o teor do texto, é correto afirmar:

- a) Trata-se de um texto opinativo, em que o autor, apoiando-se em teorias e oferecendo exemplos de sucesso, tece comentários a respeito da relação entre liberdade e desenvolvimento econômico.
- b) Há crítica em relação ao papel desempenhado na economia de alguns países por proposições hipotéticas de poetas e economistas sob influência de escolas estrangeiras.
- c) No 2º parágrafo encontra-se defesa por inteiro da opinião do economista austríaco, em flagrante contradição com a observação de que ele havia se enganado, como consta do 1º parágrafo.
- d) O título se volta para a comprovação da tese do poeta inglês de que o desenvolvimento econômico de uma nação se associa inequivocamente à racionalidade de seus cidadãos.
- e) O autor se baseia em opiniões polêmicas de defensores da liberdade de expressão para enaltecer a política colonialista de ingleses e de norte-americanos, entre os séculos XVII e XX.

RESOLUÇÃO

Letra A - CERTA - De fato, o texto traz uma tese acerca da importância do conceito de liberdade no desenvolvimento de uma nação. Isso fica bem explícito no trecho "*Liberdade não é um artigo de luxo, um bem etéreo,*" e nos exemplos de nações desenvolvidas apresentados, entre elas Grã-Bretanha e EUA, que assumem a liberdade de expressão como algo soberano.

Letra B - ERRADA - O papel desempenhado na economia de alguns países não é contestado pelo texto. O que o texto faz é apenas dissociar o conceito de liberdade atrelado à economia, pois considera aquela mais

abrangente que esta. É o que fica bem explícito no trecho "*Ludwig von Mises não errou em tudo; acertou no principal. Liberdade não é um artigo de luxo, um bem etéreo, desconectado da economia.*".

Letra C – ERRADA - Não há uma contradição, pois a afirmação do 2º parágrafo ("*Ludwig von Mises não errou em tudo; acertou no principal. Liberdade não é um artigo de luxo, um bem etéreo, desconectado da economia.*".) não invalida o conteúdo do 1º (*A liberdade surge no oceano da economia, de onde se espalha para todos os lugares. Isso é o que imaginava Ludwig von Mises*). O que há é uma ressalva: von Mises estava errado, mas não em tudo.

Letra D - ERRADA - Não especificamente, pois a tese do poeta britânico - *os seres humanos são dotados de razão e, portanto, da capacidade de distinguir as boas ideias das más* - está relacionada ao fato de seres humanos, como seres racionais que são, serem capazes de diferenciar as ideias boas das más. O fato de as nações enriquecerem vem como um possível efeito dessa tese.

Letra E - ERRADA - Essa redação extrapola o texto: não há menção às políticas colonialistas de ingleses e americanos. Além disso, as opiniões diversas acerca do conceito de liberdade apresentam pontos em comum, não sendo diametralmente opostas.

Resposta: A

2. INÉDITA

A última frase do texto

a) vem confirmar a opinião do autor de que a liberdade se impôs na Inglaterra e nos Estados Unidos por ser decorrente do desenvolvimento econômico dessas nações.

b) comprova o equívoco cometido pelo economista austríaco, pois liberdade de expressão e sucesso econômico são conceitos que se encontram em campos diferenciados da atividade humana.

c) pretende demonstrar que o espírito crítico, ainda que associado à liberdade de expressão, nem sempre se mostra suficiente para garantir a estabilidade econômica de uma grande nação.

d) constitui um fecho coerente de todo o desenvolvimento, com base na defesa da capacidade de discernimento dos seres humanos e da importância da liberdade para o sucesso da economia.

e) conclui objetivamente a teoria, exposta por Ludwig von Mises e complementada pelo poeta John Milton, de que a origem e a importância da liberdade, bem como os valores dela decorrentes, pertencem ao terreno da economia.

RESOLUÇÃO

Letra A - ERRADA - Ocorre uma inversão da relação causa-efeito: não é a liberdade que é consequência do desenvolvimento econômico, como se afirma na opção; o desenvolvimento econômico é que é uma das consequências da liberdade. Isso pode ser constatado no trecho "*A Grã-Bretanha acabou seguindo o caminho preconizado por Milton e se converteu na maior potência do mundo. Os Estados Unidos, com sua Primeira Emenda à Constituição – que proíbe a edição de leis que limitem a liberdade de religião, a liberdade de expressão e de imprensa ou o direito de reunião pacífica...*". Os exemplos de Grã-Bretanha e EUA evidenciam que a defesa da liberdade permite que os países se desenvolvam economicamente.

Letra B - ERRADA - O equívoco de von Mises, segundo o autor, está em definir a origem da liberdade na economia. Segundo o poeta John Milton, essa origem está na política. No entanto, o autor não põe a liberdade de expressão e a economia em campos opostos. Ao contrário, define esta como fortemente influenciada por aquela. É o que se constata nos exemplos apresentados de Grã-Bretanha e EUA, nações desenvolvidas economicamente, que sempre prezaram pela liberdade.

Letra C - ERRADA - A última frase endossa que o espírito crítico é bastante importante para que a nação avance como economia. Isso fica bem evidente nos exemplos apresentados de Grã-Bretanha e EUA, nações desenvolvidas economicamente, que sempre prezaram pela liberdade.

Letra D - CERTA - De fato, o trecho "*Liberdade funciona, pois a criatividade é filha da crítica.*" endossa a tese de John Milton - *os seres humanos são dotados de razão e, portanto, da capacidade de distinguir as boas ideias das más* -, que servia de contra-argumento às propostas de censura. Dessa forma, é possível avaliar de forma crítica as escolhas e tomar decisões que levem ao sucesso no âmbito econômico, como ocorreu com Grã-Bretanha e Estados Unidos.

Letra E - ERRADA - Segundo von Mises, a liberdade tem sua origem na economia (*A liberdade surge no oceano da economia, de onde se espraia para todos os lugares...*), enquanto que John Milton define a origem da liberdade no campo da política (*Ele [von Mises] estava errado: a liberdade nasceu no continente da política...*).

Resposta: D

3. INÉDITA

Trânsito mata mais do que assassinatos no Brasil

Quando a maioria da população, com razão, está escandalizada com a violência que impera nas cidades do País, um outro número não recebe tanta atenção quanto os cerca de 60 mil assassinatos registrados anualmente no Brasil. No trânsito, morrerão, neste ano de 2018, segundo estimativas oficiais, 80 mil pessoas. A projeção está baseada no fato de que, nos primeiros meses do ano, os acidentes de trânsito já provocaram 19.398 mil mortes e 20 mil casos de invalidez permanente no País. Os dados são do Centro de Pesquisa e Economia do Seguro, órgão da Escola Nacional de Seguros. As principais vítimas são homens de 18 a 65 anos e motociclistas.

Além das mortes e sequelas as mais diversas, muitas deixando inválidos pelo resto da vida homens, mulheres e crianças, pessoas jovens, ainda há um brutal prejuízo, calculado em torno dos R\$ 96 bilhões pelas faltas ao trabalho dos acidentados.

Ora, tantas vítimas mostram um quadro de insegurança que está presente e que vem ceifando, dia após dia, vidas nas ruas, avenidas e, muito mais, nas rodovias da nação. Pois, da mesma forma que todos condenam o grande número de mortes violentas por conta do tráfico de drogas, da disputa entre gangues, de desavenças familiares, pouca atenção é dada para o massacre que ocorre no trânsito. Da mesma forma que se pede mais educação, devemos nos lembrar que a educação no trânsito é mais do que importante.

Jornal do Comércio

(https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/opiniaio/2018/09/648589-transito-mata-mais-do-que-assassinatos-no-brasil.html)

A mensagem principal do editorial é que:

- a) a violência no trânsito não é considerada um assunto importante.
- b) as mortes por acidentes de trânsito superaram as por homicídios.
- c) a sociedade está chocada com o número de homicídios.
- d) as mortes no trânsito não geram tanta comoção.
- e) a educação no trânsito é negligenciada no currículo escolar brasileiro.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – A mensagem do texto não é que as pessoas não consideram a violência no trânsito algo importante. O que o texto afirma é que as pessoas deveriam se importar mais com o problema.

Letra B – ERRADA – De fato, isso é dito com todas as letras no texto, mas não corresponde à mensagem principal nele trazida. Trata-se de uma informação que serve de sustentação à tese de que as pessoas se preocupam menos do que deveriam com o problema da violência no trânsito.

Letra C – ERRADA – De fato, isso é dito no texto, mas o foco principal está no fato de as pessoas não manifestarem tamanha comoção com a violência no trânsito.

Letra D – CERTA – De fato, no entendimento do editorial, as pessoas minimizam a gravidade do problema, a despeito de as mortes por acidentes de trânsito superarem as por homicídio.

Letra E – ERRADA – De fato, o texto menciona a pouca importância dada à educação no trânsito. No entanto, sua mensagem principal se concentra no fato de a sociedade minimizar o problema da violência no trânsito.

Resposta: D

4. INÉDITA

Os programas de investigação criminal de ficção não reproduzem corretamente o que ocorre na vida real quando o assunto são as técnicas científicas: um cientista forense da Universidade de Maryland estima que cerca de 40% do que é mostrado no CSI não existe. Os investigadores verdadeiros não conseguem ser tão precisos quanto suas contrapartes televisivas. Ao analisar uma amostra desconhecida em um aparelho com telas brilhantes e luzes piscantes, o investigador de um desses seriados pode conseguir uma resposta do tipo “batom da marca X, cor 42, lote A-439”. O mesmo personagem talvez interrogue um suspeito e declare “sabemos que a vítima estava com você, pois identificamos o batom dela no seu colarinho”. No mundo real, os resultados quase nunca são tão exatos, e o investigador forense provavelmente não confrontaria diretamente um suspeito. Esse desencontro entre ficção e realidade pode acarretar consequências bizarras. Em Knoxville, Tennessee, um policial relatou: “Estou com um homem cujo carro foi roubado. Ele viu uma fibra vermelha no banco traseiro e quer que eu descubra de onde ela veio, em que loja foi comprada e qual cartão de crédito foi usado”.

De acordo com o texto, os programas de investigação criminal não reproduzem corretamente a realidade, pois

- a) subjugam a complexidade das técnicas científicas.
- b) superestimam a complexidade dos casos.
- c) minimizam a importância das pistas coletadas.
- d) limitam a atuação dos investigadores.
- e) exageram na minúcia das informações obtidas na investigação.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – Na verdade, as séries superestimam a eficácia das técnicas científicas empregadas numa investigação, na medida em que apresentam dados num grau de minúcia dificilmente alcançado.

Letra B – ERRADA – O texto não exagera na complexidade dos casos. Na verdade, ele critica o exagerado detalhamento na apresentação de provas exibidas nas séries, que não corresponde à realidade.

Letra C – ERRADA – O texto não desconsidera as provas apresentadas, mas sim critica o excessivo detalhamento, algo impraticável na realidade.

Letra D – ERRADA – Justamente o contrário. Uma das críticas se deve ao fato de as séries retratarem o investigador como multifuncional – além de coletar provas, ele interroga o suspeito.

Letra E – CERTA – Exato! O grau de detalhamento apresentado dificilmente corresponde ao resultado na realidade.

Resposta: E

5. INÉDITA

Entre os Maoris, um povo polinésio, existe uma dança destinada a proteger as sementeiras de batatas, que quando novas são muito vulneráveis aos ventos do leste: as mulheres executam a dança, entre os batatais, simulando com os movimentos dos corpos o vento, a chuva, o desenvolvimento e o florescimento do batatal, sendo esta dança acompanhada de uma canção que é um apelo para que o batatal siga o exemplo do bailado. As mulheres interpretam em fantasia a realização prática de um desejo. É nisto que consiste a magia: uma técnica ilusória destinada a suplementar a técnica real. Mas essa técnica ilusória não é vã. A dança não pode exercer qualquer efeito direto sobre as batatas, mas pode ter (como de fato tem) um efeito apreciável sobre as mulheres. Inspiradas pela convicção de que a dança protege a colheita, entregam-se ao trabalho com mais confiança e mais energia. E, deste modo, a dança acaba, afinal, por ter um efeito sobre a colheita.

(George Thomson)

O texto descreve o uso da dança como marca de manifestação cultural de um povo. De acordo com o exposto, nos Maoris, essa prática tem como efeito direto:

- a) o abandono de técnicas consagradas.
- b) o fortalecimento das sementeiras de batatas.
- c) a convicção na efetividade das técnicas reais.

d) uma mudança de comportamento no trabalho.

e) uma maior produção de batatas.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – O texto não dá a entender que técnicas consagradas sejam abandonadas. Elas são sim, segundo o texto, suplementadas.

Letra B – ERRADA – O efeito direto não se dá sobre a plantação de batatas, e sim sobre a forma de trabalhar das mulheres. O aumento da produção é um efeito indireto, e não direto.

Letra C – ERRADA – As técnicas reais, conforme afirmado no texto, são suplementadas pela técnica ilusória.

Letra D – CERTA – De fato, o efeito imediato é uma mudança de comportamento no trabalho das mulheres, que faz com que elas se tornem mais produtivas. O aumento de produção é, dessa forma, um efeito indireto, e não direto.

Letra E – ERRADA – Trata-se de um efeito indireto, e não direto.

Resposta: D

6. INÉDITA

Sérgio Buarque de Holanda afirma que o processo de integração efetiva dos paulistas no mundo da língua portuguesa ocorreu, provavelmente, na primeira metade do século XVIII. Até então, a gente paulista, fossem índios, brancos ou mamelucos, não se comunicava em português, mas em uma língua de origem indígena, derivada do tupi e chamada língua brasílica, brasiliana ou, mais comumente, geral.

No Brasil colônia, coexistiam duas versões de língua geral: a amazônica, ou nheengatu, ainda hoje empregada por cerca de oito mil pessoas, e a paulista, que desapareceu, não sem que deixasse marcas na toponímia do país e na língua portuguesa. São elas que nos possibilitam olhar um caipira jururu à beira de um igarapé socando milho para preparar mingau — sem os termos que migraram para o português, só veríamos um habitante da área rural, melancólico, preparando comida às margens de um riacho. Sem caipira, sem jururu, sem igarapé, sem socar e sem mingau, a cena poderia descrever uma bucólica paisagem inglesa.

Com base na leitura do texto, é possível afirmar que a principal intenção do autor é:

- a) enfatizar a influência da língua geral no português falado atualmente no Brasil, enaltecendo sua expressividade singular.
- b) evidenciar o português falado pelos caipiras, destacando a forma bem-humorada com que se comunicam.
- c) comparar a expressividade do português falado no Brasil, parte herdado de antigas línguas indígenas, com a da língua inglesa.
- d) destacar a clareza de comunicação como marca identificadora do português falado no Brasil.
- e) explicar a origem e o significado de expressões usadas no português falado no Brasil, como “jururu” e “igarapé”.

RESOLUÇÃO

Letra A – CERTA – Observemos o seguinte trecho: "São elas que nos possibilitam olhar um caipira jururu à beira de um igarapé socando milho para preparar mingau — sem os termos que migraram para o português, só veríamos um habitante da área rural, melancólico, preparando comida às margens de um riacho". Nele é possível identificar o objetivo comunicativo do autor, que consiste em enfatizar a expressividade da língua geral e sua influência na formação do atual português. Sem essas expressões, não haveria uma diferenciação relevante em termos de expressividade do português falado no Brasil para outras línguas.

Letra B – ERRADA – O foco do texto não se concentra propriamente no falar do caipira, nem sua intenção é destacar a forma bem-humorada da comunicação, embora esta não seja negada. O objetivo é destacar a influência da língua geral na formação do português falado no Brasil.

Letra C – ERRADA - A comparação em termos de expressividade entre a língua portuguesa e a inglesa até se faz no texto, mas não consiste no objetivo comunicativo principal do texto.

Letra D – ERRADA - Não é a clareza a marca identificadora do português falado no Brasil, mas sim sua expressividade.

Letra E – ERRADA - Os significados e origens dos vocábulos "jururu" e "igarapé" são até apresentados no texto, mas como exemplos, e não como o propósito central do texto.

Resposta: A

7. INÉDITA

As amigas Beatriz Ismael, Aline Secone e Pietra Favarin, todas com 18 anos, já perderam a conta de quanto tempo passam com o celular na mão. Conversas no WhatsApp, atualizações nas redes sociais, novidades no Snapchat: é muita coisa para acompanhar. Basta o aparelho vibrar para baixarem a cabeça a fim de verificar o que está acontecendo. Beatriz, Aline e Pietra talvez não percebam agora, mas o fato de passar horas com a cabeça curvada por causa do celular ou tablete pode acarretar sérias consequências futuras para elas.

O alerta é de médicos sobre o uso exagerado desses aparelhos por crianças e adolescentes. Pietra admite que fica tanto tempo usando o celular que seu braço chega a adormecer. Já Aline e Beatriz afirmam que não sentem dor alguma. Segundo o ortopedista e traumatologista Guaracy Carvalho Filho, professor da Faculdade de Medicina de Rio Preto (Famerp), a ausência de dores imediatas por causa da cabeça curvada é comum nos jovens que compõem a 'geração da cabeça baixa'. "É óbvio que eles não vão sentir dores agora.

A estrutura corporal é mais flexível, mas quando chegarem à fase adulta provavelmente vão sentir dores provocadas pela postura errada quando jovens." E é por causa da ausência de reclamações que os pais ou responsáveis devem prestar atenção nas crianças e nos adolescentes, segundo o médico. "Em princípio, a cabeça curvada para baixo resulta em uma alteração postural. Entre os 13 e 14 anos, o enrijecimento acontece mais rápido. Evoluindo de uma alteração para uma desvio de coluna."

https://www.diariodaregio.com.br/_conteudo/2016/01/cidades/saude/667159-uso-excessivo-de-celular-afeta-postura-do-jovem-e-coloca-seu-corpo-em-risco.html

Ao abordar os impactos gerados pelo uso excessivo de smartphones, o texto enfatiza:

- a) as queixas de jovens com dores precoces resultado da má postura corporal.
- b) as complicações posturais em adultos que curvam a cabeça quando usam celular.
- c) as alterações posturais em jovens que podem resultar em dores na idade adulta.
- d) as sequelas posturais imediatas em jovens resultado do uso excessivo do celular.
- e) a perda de flexibilidade corporal em crianças devido à ausência de reclamação por parte dos pais.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – Como mencionado no texto, os jovens não se queixam de dores. Estas podem se manifestar no futuro como resultado da má postura corporal.

Letra B – ERRADA – O texto foca a atenção não nos adultos, mas nos jovens.

Letra C – CERTA – De fato, as posturas inadequadas dos jovens, segundo o texto, podem gerar dores na idade adulta.

Letra D – ERRADA – As sequelas não são imediatas. Elas podem se manifestar futuramente, na idade adulta.

Letra E – ERRADA – Não há perda de flexibilidade corporal em crianças. O que o texto afirma é que as sequelas resultados da inadequada postura corporal de crianças e jovens podem se manifestar no futuro.

Resposta: C

8. INÉDITA

Apesar da nova era em que vivemos, materiais impressos dificilmente deixarão de existir. A divulgação de serviços pela internet tem o custo menor, isso é fato, além de diversas outras vantagens, mas para atingir um público mais abrangente e com hábitos de consumo diferentes, o material impresso é fundamental, pois apesar de vivermos na era digital, muitos ainda preferem o material impresso. É preciso adequar o conteúdo para as duas plataformas, assim a empresa conseguirá atingir todos os públicos e mercados.

Outro item que faz dos impressos uma importante ferramenta de comunicação é a veracidade e a credibilidade das informações. No mundo digital, é praticamente impossível regularizar o conteúdo. Qualquer pessoa pode postar qualquer informação, sem analisar a precisão do conteúdo. Além disso, uma informação armazenada eletronicamente pode ser modificada de uma maneira muito fácil. Já o impresso é palpável, com maior visibilidade e facilidade na memorização do conteúdo.

<https://utidasideias.com.br/index.php?/blog/midia-impressa/mas-o-que-e-midia-impressa>

O trecho reproduzido aborda como as empresas de conteúdo devem lidar com as mídias impressas e digitais, visando atingir os diversos públicos e mercados. Sua principal linha de argumentação consiste em:

- a) afirmar que os conteúdos digitais são capazes de atingir um público mais abrangente.
- b) propor a adaptação de conteúdos didáticos para as duas plataformas: impressa e digital.
- c) alertar o leitor de que conteúdos digitais podem ser facilmente modificados.

d) enfatizar as significativas aceitabilidade e credibilidade dos materiais impressos.

e) defender a adoção de comunicação predominantemente impressa.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – O texto não foca sua atenção na versatilidade dos conteúdos digitais, mas sim na credibilidade e aceitação dos materiais impressos.

Letra B – ERRADA – A principal linha de argumentação do texto não é propor adoção das duas plataformas, mas enfatizar a ainda significativa aceitação dos materiais impressos.

Letra C – ERRADA – Não trata o texto de um alerta, mas sim de uma constatação.

Letra D – CERTA – De fato! O texto dá destaque à ainda significativa aceitação por parte do público dos materiais impressos e da associação destes à ideia de veracidade e credibilidade.

Letra E – ERRADA – O texto não dá a entender que a comunicação precise ser predominantemente impressa. Dá a entender sim que esta não pode ser descartada.

Resposta: D

9. INÉDITA

Editorial: Educação e desigualdade

"O Censo Escolar é uma inquietante denúncia da realidade das escolas públicas, no contexto de deficiências que o Brasil não consegue reduzir", afirma jornal

Fonte: Zero Hora (RS)

O Censo Escolar é uma inquietante denúncia da realidade das Escolas públicas, no contexto de deficiências que o Brasil não consegue reduzir.

É um retrato da realidade brasileira e das suas consequências na Educação o conjunto de dados do Censo Escolar 2013, agora divulgado. O cenário que emerge das estatísticas é desolador para um país que tem assumido a condição de protagonista internacional, pela evolução da economia e pelos avanços sociais. Alguns dados, que não se referem exatamente à qualidade da Educação, mas à estrutura e aos equipamentos à disposição dos Alunos, são alarmantes. Não há como aceitar como razoável o fato de que apenas 36% das Escolas públicas brasileiras, que acolhem 40 milhões de estudantes, têm rede de esgoto. Ou que a grande maioria não disponha de quadras de esportes ou mesmo prédios e equipamentos com as mínimas condições de uso, ou de rampas de acesso para pessoas com deficiência.

Não são detalhes, são partes de um cenário em que faltam laboratórios, bibliotecas, computadores. A realidade mais assustadora é, obviamente, a das Escolas do meio rural. É nesse aspecto que o Censo significa também a denúncia de uma cruel desigualdade: crianças de regiões já maltratadas pela desassistência estatal frequentam os piores colégios. Como observa a secretária de Educação básica do Ministério da Educação, Maria Beatriz Luce, o diagnóstico sintetizado pelo documento é, claramente, resultado de todo o contexto histórico-social do país, do desprezo pelo cumprimento integral do direito à Educação e das responsabilidades previstas na Constituição.

São, como ressalta a Educadora, a expressão não só das desigualdades do Ensino público, especialmente quando este é confrontado com a situação da rede privada, mas das diferenças estruturais do Brasil. Escolas sem esgoto estão no entorno de áreas praticamente abandonadas. Se têm equipamentos, muitos não funcionam.

Apenas 29% dispõem de um espaço para abrigar livros, tão precário que nem sempre pode ser chamado de biblioteca. Para quem reclama da falta de aparelhos e de acesso à internet, a secretária de Educação básica informa que, por mais absurdo que pareça, isso não é o mais grave. O pior é que Escolas desequipadas muitas vezes não têm nem mesmo eletricidade.

O desalento desse Brasil que nem sempre se enxerga está no dado-denúncia do Censo, na avaliação correta da Fundação Lemann, que analisou as estatísticas. O que se vê no levantamento é o confronto de dois Brasis, o urbano, ainda com deficiências, mas em lenta evolução, e o rural, em boa parte estagnado e ignorado.

Muito já se disse sobre as atribuições de União, Estados e municípios na Educação. O Censo fala por si: mesmo com tarefas bem definidas, todas as esferas de poder têm falhado, ressalvadas as exceções. Se cada um fizesse o que deve, o retrato da estrutura do Ensino público do país não seria tão degradante.

Os gêneros textuais presentes no dia a dia apresentam diferentes linguagens e recursos expressivos como elementos de caracterização. Com base na leitura do texto e de sua identificação como um editorial, é possível identificar como seu elemento constitutivo o(a):

- a) presença de opinião de cunho crítico emanada por um jornalista de prestígio.
- b) predomínio de uma abordagem informativa, que contribui para a impessoalização e imparcialidade.
- c) emprego de adjetivações e afirmações categóricas como marcas argumentativas.
- d) uso de dados provenientes de fontes oficiais – no caso, o Censo Escolar 2013 – com o objetivo principal de explicitar o posicionamento da Fundação Lemann.
- e) confronto de pontos de vista heterogêneos acerca do assunto tratado – no caso, a realidade das escolas públicas brasileiras.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADO – Cuidado! De fato, o texto apresenta uma opinião, porém, como se trata de um editorial, esta não pertence a um jornalista específico, e sim ao meio de comunicação.

Letra B – ERRADO – O texto não é imparcial. Ora, como se trata de um editorial, gênero do tipo argumentativo, sua função é emitir um juízo de valor, uma opinião.

Letra C – CERTO – De fato, para ressaltar a precariedade da educação brasileira, o texto apela para adjetivos – inquietante, degradante, precário, etc. – e afirmações categóricas, contundentes – “O cenário que emerge das estatísticas é desolador...”, “Não há como aceitar como razoável o fato...”, “... tão precário que nem sempre pode ser chamado de biblioteca.”.

Letra D – ERRADO – Cuidado! O posicionamento apresentado no texto não é o da Fundação Lehman, e sim do meio jornalístico. A referência a Fundação Lehman visa a corroborar a opinião do meio jornalístico.

Letra E – ERRADO – Não há uma divergência entre pontos de vista. Todas as informações apresentadas dizem respeito à precariedade das escolas públicas brasileiras.

Resposta: C

10. INÉDITA

A Coruja mestra de canto

A Majestade Dona Águia

Quis aprender a cantar,

E mandou por seus arautos

Os bons mestres convocar.

Piam logo as andorinhas

Que o canário vencerá,

Pondo as honras outras aves

No canoro sabiá.

Foi preferida a coruja

Dando-se como razão:

Que tinha um ar mais sisudo,

Na vista certa expressão.

Mire-se bem neste espelho

Quem lugares pretender,

Agrade, nisto vai tudo,

Largue aos tolos o saber.

A fábula apresentada tem como principal diferencial em relação a outros textos de mesmo gênero:

- a) um desfecho moralizante, que induz o leitor a uma mudança de comportamento
- b) um encorajamento da meritocracia, tema incomum em produções desse tipo.
- c) uma estruturação em versos e estrofes, padrão incomum em produções similares.
- d) um ensinamento politicamente incorreto, divergente do padrão virtuoso típico.
- e) uma linguagem predominantemente conotativa, avessa à objetividade.

RESOLUÇÃO

Trata-se de um poema interessante.

Sua história gira em torno de uma águia que pretendia aprender a cantar. Para tal, abriu uma disputa para contratar um professor.

Todos puseram entre os favoritos na disputa o canário e o sabiá, exímios cantadores. Para a surpresa de todos, a Dona Águia escolheu a coruja. O texto dá todas as pistas de que essa escolha não se deu por mérito. A primeira evidência disso está na razão apresentada para a vitória da coruja: “Que tinha um ar mais sisudo/Na vista certa expressão.”. Ora, o que isso tem a ver com habilidades de canto, principalmente para ser capaz de ensinar?

Os últimos versos também deixam bem evidente que o teor dessa escolha se deu mais pelo com relacionamento da águia com coruja do que pela competência desta: “Agrade, nisto vai tudo/Largue aos tolos o saber.”.

Letra A – ERRADO – O tom moralizante é um elemento característico do gênero fábula, não sendo um propriamente um diferencial do texto apresentado.

Letra B – ERRADO – De forma alguma. Há uma valorização do bom relacionamento em detrimento do mérito.

Letra C – ERRADO – A estruturação em versos e estrofes não é tão incomum assim em textos do gênero fábula. Além disso, não é esse o aspecto que singulariza essa fábula, mas sim o seu desfecho politicamente incorreto.

Letra D – CERTO – De fato! O padrão recorrente nas fábulas é de um ensinamento virtuoso. A fábula apresentada diverge desse padrão, ao desvalorizar a meritocracia.

Letra E – ERRADO - A linguagem conotativa não é incomum nos textos do gênero fábula.

Resposta: D

11. INÉDITA

O termo nude é do inglês e vem sendo utilizado na Internet por usuários de redes sociais para designar fotos íntimas que retratam a pessoa sem roupa. O envio e a troca de nudes são facilitados em aplicativos de celular, o que torna essa prática popular entre seus usuários, incluindo-se menores de idade, e facilita o compartilhamento das fotos.

Havendo vazamento de fotos íntimas, há violação do direito de imagem da pessoa prejudicada, que, por isso, terá amparo do Estado. A pena para o acusado de vazar as fotos ainda pode ser considerada branda, sendo um pouco mais severa quando se trata de um crime contra a infância. “Quando se trata de crianças e adolescentes, há um agravante, pois, no art. 241 do Estatuto da Criança e do Adolescente, é qualificada como crime grave a divulgação de fotos, gravações ou imagens de crianças ou adolescentes, sendo prevista a pena de três a seis anos de prisão, além de pagamento de multa, para os que cometem esse crime”, diz a advogada presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB/AC.

Para combater o compartilhamento de fotos íntimas por terceiros, são necessárias ações preventivas, afirma a advogada. Jovens e adolescentes devem ser educados, de forma que tenham dimensão do problema que a divulgação desse tipo de imagem pode acarretar.

O texto, visando estabelecer uma progressão das ideias, foi dividido estruturalmente nas seguintes partes:

a) 1ª parte – exposição de opinião acerca de tema polêmico; 2ª parte – detalhamento do assunto, com o apontamento de causas e consequências; 3ª parte – recomendação para combater o problema.

- b) 1ª parte – definição do problema e identificação do principal público afetado por este; 2ª parte – detalhamento do amparo legal relacionado à discussão; 3ª parte – proposição de soluções para o problema.
- c) 1ª parte – relato de fato ocorrido; 2ª parte – explicitação das consequências legais previstas; 3ª parte – sugestões de ações para resolver o problema.
- d) 1ª parte – defesa contundente de opinião; 2ª parte – enumeração de argumentos que atestam a opinião apresentada. 3ª parte – mera síntese do que foi exposto nas duas primeiras partes.
- e) 1ª parte – contextualização do tema proposto; 2ª parte – fundamentação legal que rege a discussão - 3ª parte – proposição de ações de cunho repressivo como solução para o problema.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – Na primeira parte, há uma definição do termo “nude” e a identificação do principal público afetado – adolescentes. Não se trata de um tema polêmico, que divida opiniões.

Letra B – CERTA

Letra C – ERRADA – A primeira parte se concentra em definir o termo “nude”, contextualizando o problema. Não há menção a um fato específico.

Letra D – ERRADA – A primeira parte contextualiza o assunto. Não há uma defesa contundente de opinião, pois o texto é predominantemente expositivo

Letra E – ERRADA – Na terceira parte, há sim proposição de soluções, mas estas não são repressivas. A proposta é de conscientização.

Resposta: B

12. INÉDITA

A BOA MORTE

Aparentemente ninguém deu muita bola para a proposta, feita pela comissão de juristas que revê o Código Penal, de descriminalizar certos tipos de eutanásia. Esse, entretanto, é um assunto importantíssimo e que tende a ficar cada vez mais premente, à medida que a população envelhece e a medicina amplia seu arsenal terapêutico.

Desligar as máquinas que mantêm um paciente vivo pode ser descrito como um caso de homicídio, ainda que com o objetivo nobre de evitar sofrimento, ou como uma recusa em prosseguir com tratamento fútil, o que é perfeitamente legal.

Como sempre, acho que cabe a cada qual fazer suas próprias escolhas. Mas, já que nem sempre sabemos o que é melhor, convém dar uma espiadela em como pensam aqueles que, de fato, entendem do assunto.

Num artigo que está movimentando a blogosfera sanitária e já foi reproduzido no “Wall Street Journal” e no “Guardian”, o doutor Ken Murray sustenta que, embora os médicos apliquem todo tipo de manobra heroica para prolongar a vida de seus pacientes, quando se trata de suas próprias vidas e das de seus entes queridos, eles são bem mais comedidos.

Como estão familiarizados com o sofrimento e os desfechos das medidas extremas, querem estar seguros de que, quando a sua hora vier, ninguém vai tentar reanimá-los nem levá-los a uma UTI para entubá-los e espetá-los com cateteres. Murray diz que um de seus colegas chegou a tatuar o termo "no code" (sem ressuscitação) no próprio corpo.

A pergunta que fica, então, é: se não são sádicos, por que os médicos fazem aos outros o que não desejam para si mesmos? E a resposta de Murray é que ocorre uma perversa combinação de variáveis emocionais, econômicas, mal-entendidos linguísticos, além, é claro, da própria lógica do sistema. Em geral, para o médico é muito mais fácil e seguro apostar no tratamento, mesmo que ele se estenda para muito além do razoável.

"Como estão familiarizados com o sofrimento e os desfechos das medidas extremas, querem estar seguros de que, quando a sua hora vier, ninguém vai tentar reanimá-los nem levá-los a uma UTI para entubá-los e espetá-los com cateteres."

No período destacado, a primeira oração expressa em relação à seguinte o valor semântico de:

- a) causa
- b) consequência
- c) finalidade
- d) comparação
- e) conformidade

RESOLUÇÃO:

Questão relativamente simples, que trata do valor semântico dos conectores, em particular a conjunção "como".

Para resolver esse tipo de questão, uma habilidade que se exige do aluno é reescrever o texto, identificando as corretas relações lógicas. Vejamos um exemplo:

Como estava chovendo, não pude ir ao show.

= Não pude ir ao show, **porque** estava chovendo.

Dessa forma, a conjunção "como" assume valor semântico causal.

Analisemos o "como" no trecho:

Como estão familiarizados com o sofrimento e os desfechos das medidas extremas, querem estar seguros de que, quando a sua hora vier, ninguém vai tentar reanimá-los nem levá-los a uma UTI para entubá-los e espetá-los com cateteres."

É possível reescrever o trecho acima da seguinte forma:

"Devido ao fato de estarem familiarizados com o sofrimento e os desfechos das medidas extremas, querem estar seguros de que, quando a sua hora vier, ninguém vai tentar reanimá-los nem levá-los a uma UTI para entubá-los e espetá-los com cateteres."

Fica claro, assim, que a conjunção "como" assume valor causal.

Resposta: A

Texto para as questões 13 a 15

A história da clorpromazina (comercializada como Amplitil no Brasil) e de outras drogas psiquiátricas, incluindo lítio e várias gerações de antidepressivos, é contada de forma apaixonante por Lauren Slater em "Blue Dreams" (sonhos azuis).

Slater parte de um ponto de vista privilegiado. Além de escritora, ela é psicóloga e paciente psiquiátrica. Sofre de transtorno bipolar e diz estar convicta de que foi apenas o uso maciço de combinações variadas de antidepressivos e lítio que a manteve por mais de três décadas longe das internações de que precisou na juventude.

Ela é uma fã desses fármacos, mas nem por isso deixa de exercer o espírito crítico em relação aos laboratórios. O fato de as drogas funcionarem não significa que seja pelas razões alegadas pela indústria. O modelo da depressão como um desbalanço químico marcado por baixos níveis de serotonina, por exemplo, é mais furado do que um queijo suíço.

Slater mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, mas sem esconder os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação. Como bônus, ela fala também de fármacos ainda ilegais, mas bastante promissores para uso psiquiátrico, como o MDMA e o LSD.

Hélio Schwartzman

13. INÉDITA

Assinale a opção cuja reescrita mantém a correção gramatical e preserva o sentido original do seguinte trecho:

Slater mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, mas sem esconder os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação.

- a) Slater não só mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, mas explicita os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação.
- b) Embora Slater não esconda os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação, mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes.
- c) Slater mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, mesmo não escondendo os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação.
- d) Apesar de mostrar o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, não esconde os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação.

e) Slater mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, à medida que não esconde os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação.

RESOLUÇÃO

Observemos a conjunção “mas”, cujo sentido é adversativo.

Antes de analisarmos as opções, vale a pena ressaltar a diferença entre a oposição adversativa – o principal representante é o “mas” - e a concessiva - o principal representante é o “embora”.

Vejam os dois exemplos:

João é um bom funcionário, mas chega atrasado todo dia.

João é um bom funcionário, embora chegue atrasado todo dia.

Na primeira, destaca-se, por meio da conjunção “mas”, o fato de João chegar atrasado todo dia. Já na segunda, a conjunção concessiva “embora” relativiza o fato de João chegar atrasado todo dia.

Na primeira, enfatiza-se o defeito; na segunda, a qualidade.

Analise as opções:

Letra A – ERRADA – Cuidado com essa redação. Nela, empregamos o conector “mas”. No entanto, ele não está sozinho. Observemos que temos a presença da expressão “*não só... mas (também)*”, que tem valor de adição, e não de oposição adversativa. É preciso identificar a palavra “também” subentendida após a conjunção “mas”.

Letra B – ERRADA – Na redação original, a conjunção adversativa “mas” enfatiza os graves efeitos secundários e o tamanho da ignorância sobre o tema. Ao mesmo tempo, relativiza-se (atenua-se) o que de bom os medicamentos trazem para os pacientes.

Na proposta de reescrita, utiliza-se a conjunção concessiva “embora”. Essa conjunção relativiza os graves efeitos e a ignorância sobre o tema, mudando-se, assim, o sentido original.

Letra C – ERRADA – Ocorre o emprego da conjunção concessiva “mesmo”. Essa conjunção relativiza os graves efeitos e a ignorância sobre o tema, mudando-se, assim, o sentido original.

Letra D – CERTA - Ocorre o emprego da locução conjuntiva concessiva “Apesar de”. Essa conjunção relativiza o que de bom os medicamentos trazem para os pacientes e enfatiza os graves efeitos e a ignorância sobre o tema, mantendo-se, assim, o sentido original.

Letra E – ERRADA – A locução “à medida que” tem sentido de proporção, bem diferente, portanto, do sentido original de oposição.

Resposta: D

14. INÉDITA

Slater parte de um ponto de vista privilegiado. Além de escritora, ela é psicóloga e paciente psiquiátrica.

É possível identificar entre as duas frases que o compõem uma relação de:

a) Adição

- b) Explicação
- c) Comparação
- d) Oposição
- e) Conclusão

RESOLUÇÃO

Cuidado com essa questão!

O enunciado aqui é decisivo, pois se pede do candidato que ele identifique a relação entre as FRASES.

O que pode nos confundir é a presença do conector “Além de”, que dá o sentido de adição. No entanto, essa relação de adição se dá entre os termos da segunda frase, e não entre as frases. Diz-se na segunda frase que ela é escritora, psicóloga E paciente psiquiátrica.

Dessa forma, o grande risco é marcarmos a letra A. No entanto, repetindo, não é de adição a relação entre as frases.

Agora analisemos a relação entre as frases. É possível explicitá-la, fazendo-se a seguinte reescrita:

Slater parte de um ponto de vista privilegiado, POIS, além de escritora, ela é psicóloga e paciente psiquiátrica.

A presença da conjunção POIS explicita, portanto, a relação de EXPLICAÇÃO.

Resposta: B

15. INÉDITA

Lendo uma notícia de um jornal, nota-se o seguinte trecho:

“Muitas são as pessoas que estão se mudando daquela cidade graças à violência que lá tem sido tão frequente.”

Um leitor mais atento julgou incorreto o emprego da expressão “graças a”.

Assinale a opção que traz uma justificativa coerente para esse julgamento e uma proposta de correção:

- a) A locução conjuntiva “graças a” não transmite a ideia de causa. Assim, seria interessante substituí-la por “devido a”.
- b) A locução conjuntiva “graças a” não transmite a ideia de causa. Assim, seria interessante substituí-la por “em virtude de”.
- c) A locução conjuntiva “graças a”, embora transmita a ideia de causa, tem uso restrito a causas de tom positivo. Assim, seu emprego no texto é inadequado, sendo interessante substituí-la por “devido a”.
- d) A locução conjuntiva “graças a”, embora transmita a ideia de causa, tem uso restrito a causas de tom positivo. Assim, seu emprego no texto é inadequado, sendo interessante substituí-la por “mesmo com”.
- e) A locução conjuntiva “graças a” transmite a ideia de consequência exigida na frase. Assim, seu emprego no texto é inadequado, sendo interessante substituí-la por “devido a”.

RESOLUÇÃO:

A locução “graças a” introduz uma ideia de causa. No entanto, é compatível com causas de carga semântica positiva, pois a expressão está associada ao sentido de “agradecer”.

Descartando-se a hipótese de o autor ter se expressado de forma irônica, haja vista se tratar o texto de uma notícia jornalística, vê-se incompatibilidade no emprego da expressão, pois “violência” não tem valor positivo.

Letra A – ERRADA – A locução “graças a” transmite sim a ideia de causa.

Letra B – ERRADA - A locução “graças a” transmite sim a ideia de causa. Além disso, não seria possível a troca pela também expressão de causa “em virtude de”, devido ao fato de esta também pedir conteúdo de valor semântico positivo.

Letra C – CERTA – A troca pela expressão causal neutra “devido a” dá à redação compatibilidade semântica.

Letra D – ERRADA – A expressão “mesmo com” não teria valor causal, e sim concessivo, alterando, dessa forma, o conteúdo original.

Letra E – ERRADA - A locução “graças a” transmite uma ideia de causa, não de consequência.

Resposta: C

16. INÉDITA



A partir da comparação entre as charges, é possível afirmar que:

- a) As charges sugerem que diferentes gerações encaram a tecnologia de forma negativa e desinteressada.
- b) Os adultos da segunda charge são menos ávidos por tecnologia do que o menino.
- c) A segunda charge explicita as dificuldades da geração mais madura em identificar as funcionalidades presentes nos equipamentos eletroeletrônicos atuais.
- d) A expressão facial e gestual do garoto demonstra que ele gostaria de receber outros presentes que não fossem eletroeletrônicos.
- e) Ambas as charges explicitam as facilidades que o desenvolvimento tecnológico introduziu na vida contemporânea, apesar de alguns se aborrecerem com ela.

RESOLUÇÃO:

Analisemos as opções:

ALTERNATIVA A – ERRADO – É errado afirmar que o garoto da primeira charge encara a tecnologia com desinteresse. Na verdade, ele se demonstra interessado até demais, o que é evidenciado pela pilha de eletroeletrônicos que se acumula atrás dele. Seu desejo por tecnologia é insaciável.

ALTERNATIVA B – CERTO – De fato, os adultos da segunda charge não demonstram tanto desejo (avidez) por tecnologia quanto o garoto. Este é insaciável.

ALTERNATIVA C – ERRADO - De acordo com a charge, a dificuldade da geração mais madura não está na identificação das funcionalidades presentes nos aparelhos. É possível ver que os adultos conseguem identifica-las. A real dificuldade dessa geração está em entender a utilidade de fato dessas ferramentas na vida cotidiana. Há um sentimento de desconfiança por parte dos adultos, ressaltado pela face, com olhar distante, sobrancelhas levantadas e testa franzida.

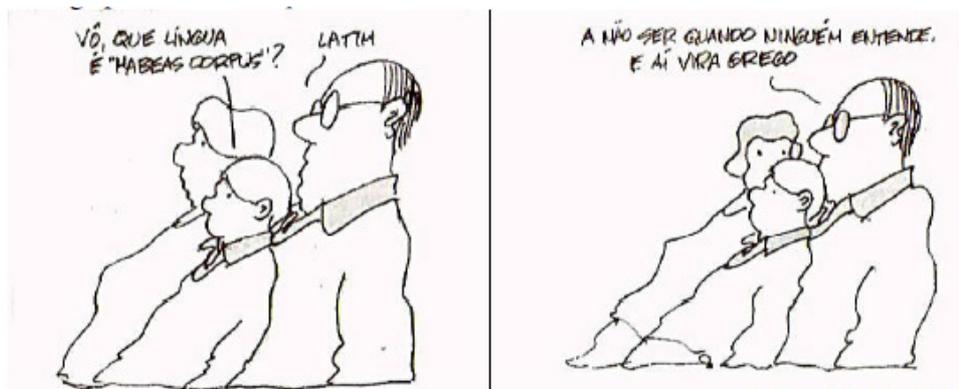
ALTERNATIVA D – ERRADO – Ao dizer “Qual o próximo?”, subtende-se que o garoto deseja mais um eletroeletrônico.

ALTERNATIVA E – ERRADO – A primeira charge explicita não facilidades, mas sim dificuldades que a tecnologia trouxe para o cotidiano: descarte excessivo, desejo insaciável das crianças por tecnologia e submissão dos adultos à vontade dos mais jovens.

Resposta: B

17. INÉDITA

A leitura da tirinha permite inferir que:



(Luís Fernando Veríssimo, O Estado de São Paulo, 27/07/2008)

- O avô tenta disfarçar, por meio de suas respostas, seu desconhecimento sobre a origem etimológica da expressão "habeas corpus".
- A resposta deixa pressuposta a ideia de que, na opinião do avô, o assunto em questão não deveria ser do interesse de uma criança.
- A pergunta da criança pode ser considerada retórica.
- A fala do avô deve ser compreendida como uma crítica explícita aos políticos de modo geral.
- O comentário do avô, no segundo quadrinho, contém uma crítica às iniquidades permitidas pelo judiciário.

RESOLUÇÃO:

Analisemos as opções:

ALTERNATIVA A – ERRADO – O avô expressa conhecimento acerca da origem (etimologia) da expressão "habeas corpus".

ALTERNATIVA B – ERRADO – A resposta não evidencia que o avô o recriminou o garoto pela pergunta.

ALTERNATIVA C – ERRADO – A pergunta do garoto não pode ser considerada retórica, entendida como uma pergunta de cuja resposta o enunciador já tem conhecimento. O garoto, de fato, expressa uma dúvida.

ALTERNATIVA D – ERRADO - A crítica do avô não é explícita, e sim implícita. Esta é dirigida não aos políticos, mas ao Poder Judiciário.

ALTERNATIVA E – CERTO – De fato, a crítica velada feita pelo avô denuncia à forma obscura como se concede o benefício do "habeas corpus", dando a entender que, em alguns casos, não ocorre um juízo pautado pela equidade.

Resposta: E

18. INÉDITA

Um restaurante muito famoso uma certa vez lançou o seguinte slogan publicitário:

"Nossa meta é servir bem."

Sobre esse anúncio é correto dizer:

- a) A escolha das palavras no anúncio tem por objetivo realçar o bom atendimento, que é característica do restaurante.
- b) A palavra "meta" estabelece um significado implícito que contraria a intenção inicial do anúncio.
- c) O intuito de persuasão, presente em todo texto de caráter publicitário, é plenamente atendido no anúncio, haja vista a escolha apropriada das palavras para tal fim.
- d) O texto não cumpre sua finalidade persuasiva devido ao emprego do pronome possessivo "Nossa", que compromete o tom impessoal presente em textos publicitários.
- e) O emprego do substantivo "diferencial" no lugar de "meta" não alteraria o sentido original do anúncio.

RESOLUÇÃO:

Obviamente um anúncio publicitário tem por objetivo principal persuadir (convencer) o público-alvo a adquirir um determinado produto ou serviço. Para cumprir tal propósito, é importante escolher adequadamente as palavras.

Isso não ocorre no anúncio em questão, haja vista que a palavra "meta" é sinônima de "objetivo", "propósito", "algo que ainda se quer atingir". Ora, se a meta é servir bem, dá-se a entender que o restaurante ainda não serve bem seus clientes.

Você iria a um restaurante que não serve bem seus clientes, mas está lutando para um dia, quem sabe, atingir esse objetivo? Claro que não, né? Eu esperaria o restaurante cumprir atingir essa meta, para só então pensar em frequentá-lo. Concorda?

Analise as opções:

ALTERNATIVA A – ERRADO – A escolha da palavra "meta" é inapropriada, tendo em vista que ela dá a entender que o restaurante ainda não serve (atende) bem seus clientes.

ALTERNATIVA B – CERTO – De fato, de acordo com o anúncio, é possível inferir que o restaurante não serve bem seus clientes. Com certeza, não era essa a intenção inicial dos elaboradores da campanha publicitária.

ALTERNATIVA C – ERRADO - A escolha da palavra "meta" é inapropriada, tendo em vista o caráter persuasivo do texto.

ALTERNATIVA D – ERRADO – O problema não foi a escolha da palavra "Nossa", e sim da palavra "meta". Além disso, não é característica de um texto publicitário a impessoalidade.

ALTERNATIVA E – ERRADO – O sentido original deixa implícito que o restaurante anunciado ainda não serve bem seus clientes. Já, com o emprego do substantivo “diferencial”, dá-se a entender que os demais restaurantes não servem bem seus clientes. O sentido original é, portanto, alterado com a troca de palavras sugerida.

Resposta: B

19. INÉDITA

O anúncio luminoso de um edifício em frente, acendendo e apagando, dava banhos intermitentes de sangue na pele de seu braço repousado, e de sua face. Ela estava sentada junto à janela e havia luar; e nos intervalos desse banho vermelho ela era toda pálida e suave.

Na roda havia um homem muito inteligente que falava muito; havia seu marido, todo bovino; um pintor louro e nervoso; uma senhora recentemente desquitada, e eu. Para que recensear a roda que falava de política e de pintura? Ela não dava atenção a ninguém. Quieta, às vezes sorrindo quando alguém lhe dirigia a palavra, ela apenas mirava o próprio braço, atenta à mudança da cor. Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo. “Muito!”, disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro — e disse mais algumas palavras; mas mudou um pouco a posição do braço e continuou a se mirar, interessada em si mesma, com um ar sonhador.

(Rubem Braga, “A mulher que ia navegar”).

I – Há uma relação semântica de contraste “banhos intermitentes de sangue” e “ela era toda pálida e suave”

II – A resposta dada pela personagem à pergunta que lhe foi dirigida - “Muito!” – deixa evidente seu interesse pelo assunto tratado.

III - O termo sublinhado no trecho “Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo” faz uma alusão catafórica à percepção do efeito das luzes do anúncio no braço da personagem.

Está(ão) correta(s):

- a) I apenas
- b) II apenas
- c) III apenas
- d) I e II apenas
- e) II e III apenas

RESOLUÇÃO:

A assertiva I está correta.

De acordo com a descrição do texto, a luminosidade do anúncio refletia na pele da personagem, dando a ela uma coloração avermelhada. É o que o texto descreve como “banhos intermitentes de sangue.”

Nos intervalos (intermitências) entre o acender e o apagar do anúncio, a lua realçava a palidez da pele da personagem.

A assertiva II está errada.

É possível notar na resposta da personagem um tom vago, até mesmo irônico. Ela não se mostrava muito interessada em julgar o quadro que lhe fora apresentado, assunto da pergunta a ela dirigida. Estava, na verdade, mais entretida e distraída com os efeitos luminosos do anúncio em seu braço.

A assertiva III está errada.

De fato, o pronome “isso” faz referência à distração gerada pelos efeitos luminosos do anúncio no braço da personagem. No entanto, erra a assertiva ao afirmar que se trata de uma alusão catafórica – referência a algo ainda a ser citado. O correto é afirmar que se faz uma alusão anafórica – referência a algo citado anteriormente no texto.

Resposta: A

20. INÉDITA

Graciliano Ramos, em seu livro *Infância*, reflete sobre uma de suas marcantes impressões de menino. Leia o trecho a seguir, extraído dessa obra:

Bem e mal ainda não existiam, faltava razão para que nos afligissem com pancadas e gritos. Contudo, as pancadas e os gritos figuravam na ordem dos acontecimentos, partiam sempre de seres determinados, como a chuva e o sol vinham do céu. E o céu era terrível, e os donos da casa eram fortes. Ora, sucedia que a minha mãe abrandava de repente e meu pai, silencioso, explosivo, resolvia contar-me histórias. Admirava-me, aceitava a lei nova, ingênuo, admitia que a natureza se houvesse modificado. Fechava-se o doce parêntese – e isso me desorientava.

Com base na leitura apresentada, é possível afirmar que o trecho “Fechava-se o doce parêntese – e isso me desorientava.”:

- a) simboliza no texto o início de um tratamento carinhoso atípico por parte do pai e da mãe do garoto.
- b) faz menção no texto à violência a que era submetida a criança, proveniente de diversos familiares.
- c) consiste em uma metáfora para o fim do repentino íterim de atenção e afeto dirigidos à criança pelos pais.
- d) revela no texto um sentimento de saudosismo dos tempos de convívio entre pais e filhos.
- e) destaca no texto o quão consciente era o garoto da transitoriedade das mudanças de humor de seus pais.

RESOLUÇÃO:

O início do trecho dá a entender que os pais do garoto o espancavam. Isso fica evidente no trecho “*faltava razão para que nos afligissem com pancadas e gritos.*”. A partir do trecho “*Ora, sucedia que a minha mãe abrandava de repente e meu pai, silencioso, explosivo, resolvia contar-me histórias.*”, o humor dos pais muda repentinamente e as pancadas e os gritos dão lugar a um abrandamento.

Nesse instante, abre-se um parêntese, sinalizando a interrupção do tratamento violento e a adoção de uma postura mais carinhosa por parte dos pais. No entanto, esse intervalo de trégua não dura muito e, logo depois, reiniciam-se as pancadarias e os gritos, ou seja, fecha-se o parêntese, para tristeza do garoto.

Analisemos as opções:

ALTERNATIVA A – ERRADO – O trecho não simboliza o início, mas sim o término do tratamento carinhoso dado pelos pais ao garoto.

ALTERNATIVA B – ERRADO – O item apresenta uma incorreção, ao afirmar que a violência partia de diversos familiares. Na verdade, a violência partia de “seres determinados”, numa alusão feita aos pais do garoto.

ALTERNATIVA C – CERTO – Exatamente. O fechamento do parêntese, como explicado acima, marca o término do curto período de trégua.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Não há propriamente um sentimento de saudosismo por parte do autor, haja vista que esse tempo lhe trazia más recordações.

ALTERNATIVA E – ERRADO – Não é o que dá a entender o trecho “*Admirava-me, aceitava a lei nova, ingênuo, admitia que a natureza se houvesse modificado*”. Na visão ingênua do garoto, tratava-se de uma mudança definitiva, sem volta.

Resposta: C

Lista de Questões

Texto para as questões 01 a 02

A liberdade enriquece

A liberdade surge no oceano da economia, de onde se espraia para todos os lugares. Isso é o que imaginava Ludwig von Mises, o arquiteto mais destacado da escola austríaca de economistas neoclássicos. Ele estava errado: a liberdade nasceu no continente da política, mais propriamente como liberdade de expressão – o direito de imprimir sem licença. O parto deu-se pelas mãos do poeta e polemista John Milton, em 1644, no epicentro da Guerra Civil Inglesa entre o Parlamento e a Monarquia. Naquele ano, Milton publicou a *Aeropagítica*, fonte do mais clássico dos argumentos racionais contra a censura: os seres humanos são dotados de razão e, portanto, da capacidade de distinguir as boas ideias das más.

Ludwig von Mises não errou em tudo; acertou no principal. Liberdade não é um artigo de luxo, um bem etéreo, desconectado da economia. A Grã-Bretanha acabou seguindo o caminho preconizado por Milton e se converteu na maior potência do mundo. Os Estados Unidos, com sua Primeira Emenda à Constituição – que proíbe a edição de leis que limitem a liberdade de religião, a liberdade de expressão e de imprensa ou o direito de reunião pacífica –, assumiram o primeiro posto no século XX. Liberdade funciona, pois a criatividade é filha da crítica.

(Trecho adaptado de Demétrio Magnoli. Veja, 22 de setembro de 2010, pp. 80-81)

1. INÉDITA

Considerando-se o teor do texto, é correto afirmar:

- a) Trata-se de um texto opinativo, em que o autor, apoiando-se em teorias e oferecendo exemplos de sucesso, tece comentários a respeito da relação entre liberdade e desenvolvimento econômico.
- b) Há crítica em relação ao papel desempenhado na economia de alguns países por proposições hipotéticas de poetas e economistas sob influência de escolas estrangeiras.
- c) No 2º parágrafo encontra-se defesa por inteiro da opinião do economista austríaco, em flagrante contradição com a observação de que ele havia se enganado, como consta do 1º parágrafo.
- d) O título se volta para a comprovação da tese do poeta inglês de que o desenvolvimento econômico de uma nação se associa inequivocamente à racionalidade de seus cidadãos.
- e) O autor se baseia em opiniões polêmicas de defensores da liberdade de expressão para enaltecer a política colonialista de ingleses e de norte-americanos, entre os séculos XVII e XX.

RESOLUÇÃO

Letra A - CERTA - De fato, o texto traz uma tese acerca da importância do conceito de liberdade no desenvolvimento de uma nação. Isso fica bem explícito no trecho "*Liberdade não é um artigo de luxo, um bem etéreo,*" e nos exemplos de nações desenvolvidas apresentados, entre elas Grã-Bretanha e EUA, que assumem a liberdade de expressão como algo soberano.

Letra B - ERRADA - O papel desempenhado na economia de alguns países não é contestado pelo texto. O que o texto faz é apenas dissociar o conceito de liberdade atrelado à economia, pois considera aquela mais

abrangente que esta. É o que fica bem explícito no trecho "*Ludwig von Mises não errou em tudo; acertou no principal. Liberdade não é um artigo de luxo, um bem etéreo, desconectado da economia.*".

Letra C – ERRADA - Não há uma contradição, pois a afirmação do 20 parágrafo ("*Ludwig von Mises não errou em tudo; acertou no principal. Liberdade não é um artigo de luxo, um bem etéreo, desconectado da economia.*".) não invalida o conteúdo do 10 (*A liberdade surge no oceano da economia, de onde se espraia para todos os lugares. Isso é o que imaginava Ludwig von Mises*). O que há é uma ressalva: von Mises estava errado, mas não em tudo.

Letra D - ERRADA - Não especificamente, pois a tese do poeta britânico - *os seres humanos são dotados de razão e, portanto, da capacidade de distinguir as boas ideias das más* - está relacionada ao fato de seres humanos, como seres racionais que são, serem capazes de diferenciar as ideias boas das más. O fato de as nações enriquecerem vem como um possível efeito dessa tese.

Letra E - ERRADA - Essa redação extrapola o texto: não há menção às políticas colonialistas de ingleses e americanos. Além disso, as opiniões diversas acerca do conceito de liberdade apresentam pontos em comum, não sendo diametralmente opostas.

Resposta: A

2. INÉDITA

A última frase do texto

a) vem confirmar a opinião do autor de que a liberdade se impôs na Inglaterra e nos Estados Unidos por ser decorrente do desenvolvimento econômico dessas nações.

b) comprova o equívoco cometido pelo economista austríaco, pois liberdade de expressão e sucesso econômico são conceitos que se encontram em campos diferenciados da atividade humana.

c) pretende demonstrar que o espírito crítico, ainda que associado à liberdade de expressão, nem sempre se mostra suficiente para garantir a estabilidade econômica de uma grande nação.

d) constitui um fecho coerente de todo o desenvolvimento, com base na defesa da capacidade de discernimento dos seres humanos e da importância da liberdade para o sucesso da economia.

e) conclui objetivamente a teoria, exposta por Ludwig von Mises e complementada pelo poeta John Milton, de que a origem e a importância da liberdade, bem como os valores dela decorrentes, pertencem ao terreno da economia.

RESOLUÇÃO

Letra A - ERRADA - Ocorre uma inversão da relação causa-efeito: não é a liberdade que é consequência do desenvolvimento econômico, como se afirma na opção; o desenvolvimento econômico é que é uma das consequências da liberdade. Isso pode ser constatado no trecho "*A Grã-Bretanha acabou seguindo o caminho preconizado por Milton e se converteu na maior potência do mundo. Os Estados Unidos, com sua Primeira Emenda à Constituição – que proíbe a edição de leis que limitem a liberdade de religião, a liberdade de expressão e de imprensa ou o direito de reunião pacífica...*". Os exemplos de Grã-Bretanha e EUA evidenciam que a defesa da liberdade permite que os países se desenvolvam economicamente.

Letra B - ERRADA - O equívoco de von Mises, segundo o autor, está em definir a origem da liberdade na economia. Segundo o poeta John Milton, essa origem está na política. No entanto, o autor não põe a liberdade de expressão e a economia em campos opostos. Ao contrário, define esta como fortemente influenciada por aquela. É o que se constata nos exemplos apresentados de Grã-Bretanha e EUA, nações desenvolvidas economicamente, que sempre prezaram pela liberdade.

Letra C - ERRADA - A última frase endossa que o espírito crítico é bastante importante para que a nação avance como economia. Isso fica bem evidente nos exemplos apresentados de Grã-Bretanha e EUA, nações desenvolvidas economicamente, que sempre prezaram pela liberdade.

Letra D - CERTA - De fato, o trecho "*Liberdade funciona, pois a criatividade é filha da crítica.*" endossa a tese de John Milton - *os seres humanos são dotados de razão e, portanto, da capacidade de distinguir as boas ideias das más* -, que servia de contra-argumento às propostas de censura. Dessa forma, é possível avaliar de forma crítica as escolhas e tomar decisões que levem ao sucesso no âmbito econômico, como ocorreu com Grã-Bretanha e Estados Unidos.

Letra E - ERRADA - Segundo von Mises, a liberdade tem sua origem na economia (*A liberdade surge no oceano da economia, de onde se espraia para todos os lugares...*), enquanto que John Milton define a origem da liberdade no campo da política (*Ele [von Mises] estava errado: a liberdade nasceu no continente da política...*).

Resposta: D

3. INÉDITA

Trânsito mata mais do que assassinatos no Brasil

Quando a maioria da população, com razão, está escandalizada com a violência que impera nas cidades do País, um outro número não recebe tanta atenção quanto os cerca de 60 mil assassinatos registrados anualmente no Brasil. No trânsito, morrerão, neste ano de 2018, segundo estimativas oficiais, 80 mil pessoas. A projeção está baseada no fato de que, nos primeiros meses do ano, os acidentes de trânsito já provocaram 19.398 mil mortes e 20 mil casos de invalidez permanente no País. Os dados são do Centro de Pesquisa e Economia do Seguro, órgão da Escola Nacional de Seguros. As principais vítimas são homens de 18 a 65 anos e motociclistas.

Além das mortes e sequelas as mais diversas, muitas deixando inválidos pelo resto da vida homens, mulheres e crianças, pessoas jovens, ainda há um brutal prejuízo, calculado em torno dos R\$ 96 bilhões pelas faltas ao trabalho dos acidentados.

Ora, tantas vítimas mostram um quadro de insegurança que está presente e que vem ceifando, dia após dia, vidas nas ruas, avenidas e, muito mais, nas rodovias da nação. Pois, da mesma forma que todos condenam o grande número de mortes violentas por conta do tráfico de drogas, da disputa entre gangues, de desavenças familiares, pouca atenção é dada para o massacre que ocorre no trânsito. Da mesma forma que se pede mais educação, devemos nos lembrar que a educação no trânsito é mais do que importante.

Jornal do Comércio

(https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/opiniaio/2018/09/648589-transito-mata-mais-do-que-assassinatos-no-brasil.html)

A mensagem principal do editorial é que:

- a) a violência no trânsito não é considerada um assunto importante.
- b) as mortes por acidentes de trânsito superaram as por homicídios.
- c) a sociedade está chocada com o número de homicídios.
- d) as mortes no trânsito não geram tanta comoção.
- e) a educação no trânsito é negligenciada no currículo escolar brasileiro.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – A mensagem do texto não é que as pessoas não consideram a violência no trânsito algo importante. O que o texto afirma é que as pessoas deveriam se importar mais com o problema.

Letra B – ERRADA – De fato, isso é dito com todas as letras no texto, mas não corresponde à mensagem principal nele trazida. Trata-se de uma informação que serve de sustentação à tese de que as pessoas se preocupam menos do que deveriam com o problema da violência no trânsito.

Letra C – ERRADA – De fato, isso é dito no texto, mas o foco principal está no fato de as pessoas não manifestarem tamanha comoção com a violência no trânsito.

Letra D – CERTA – De fato, no entendimento do editorial, as pessoas minimizam a gravidade do problema, a despeito de as mortes por acidentes de trânsito superarem as por homicídio.

Letra E – ERRADA – De fato, o texto menciona a pouca importância dada à educação no trânsito. No entanto, sua mensagem principal se concentra no fato de a sociedade minimizar o problema da violência no trânsito.

Resposta: D

4. INÉDITA

Os programas de investigação criminal de ficção não reproduzem corretamente o que ocorre na vida real quando o assunto são as técnicas científicas: um cientista forense da Universidade de Maryland estima que cerca de 40% do que é mostrado no CSI não existe. Os investigadores verdadeiros não conseguem ser tão precisos quanto suas contrapartes televisivas. Ao analisar uma amostra desconhecida em um aparelho com telas brilhantes e luzes piscantes, o investigador de um desses seriados pode conseguir uma resposta do tipo “batom da marca X, cor 42, lote A-439”. O mesmo personagem talvez interrogue um suspeito e declare “sabemos que a vítima estava com você, pois identificamos o batom dela no seu colarinho”. No mundo real, os resultados quase nunca são tão exatos, e o investigador forense provavelmente não confrontaria diretamente um suspeito. Esse desencontro entre ficção e realidade pode acarretar consequências bizarras. Em Knoxville, Tennessee, um policial relatou: “Estou com um homem cujo carro foi roubado. Ele viu uma fibra vermelha no banco traseiro e quer que eu descubra de onde ela veio, em que loja foi comprada e qual cartão de crédito foi usado”.

De acordo com o texto, os programas de investigação criminal não reproduzem corretamente a realidade, pois

- a) subjugam a complexidade das técnicas científicas.
- b) superestimam a complexidade dos casos.
- c) minimizam a importância das pistas coletadas.
- d) limitam a atuação dos investigadores.
- e) exageram na minúcia das informações obtidas na investigação.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – Na verdade, as séries superestimam a eficácia das técnicas científicas empregadas numa investigação, na medida em que apresentam dados num grau de minúcia dificilmente alcançado.

Letra B – ERRADA – O texto não exagera na complexidade dos casos. Na verdade, ele critica o exagerado detalhamento na apresentação de provas exibidas nas séries, que não corresponde à realidade.

Letra C – ERRADA – O texto não desconsidera as provas apresentadas, mas sim critica o excessivo detalhamento, algo impraticável na realidade.

Letra D – ERRADA – Justamente o contrário. Uma das críticas se deve ao fato de as séries retratarem o investigador como multifuncional – além de coletar provas, ele interroga o suspeito.

Letra E – CERTA – Exato! O grau de detalhamento apresentado dificilmente corresponde ao resultado na realidade.

Resposta: E

5. INÉDITA

Entre os Maoris, um povo polinésio, existe uma dança destinada a proteger as sementeiras de batatas, que quando novas são muito vulneráveis aos ventos do leste: as mulheres executam a dança, entre os batatais, simulando com os movimentos dos corpos o vento, a chuva, o desenvolvimento e o florescimento do batatal, sendo esta dança acompanhada de uma canção que é um apelo para que o batatal siga o exemplo do bailado. As mulheres interpretam em fantasia a realização prática de um desejo. É nisto que consiste a magia: uma técnica ilusória destinada a suplementar a técnica real. Mas essa técnica ilusória não é vã. A dança não pode exercer qualquer efeito direto sobre as batatas, mas pode ter (como de fato tem) um efeito apreciável sobre as mulheres. Inspiradas pela convicção de que a dança protege a colheita, entregam-se ao trabalho com mais confiança e mais energia. E, deste modo, a dança acaba, afinal, por ter um efeito sobre a colheita.

(George Thomson)

O texto descreve o uso da dança como marca de manifestação cultural de um povo. De acordo com o exposto, nos Maoris, essa prática tem como efeito direto:

- a) o abandono de técnicas consagradas.
- b) o fortalecimento das sementeiras de batatas.
- c) a convicção na efetividade das técnicas reais.

d) uma mudança de comportamento no trabalho.

e) uma maior produção de batatas.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – O texto não dá a entender que técnicas consagradas sejam abandonadas. Elas são sim, segundo o texto, suplementadas.

Letra B – ERRADA – O efeito direto não se dá sobre a plantação de batatas, e sim sobre a forma de trabalhar das mulheres. O aumento da produção é um efeito indireto, e não direto.

Letra C – ERRADA – As técnicas reais, conforme afirmado no texto, são suplementadas pela técnica ilusória.

Letra D – CERTA – De fato, o efeito imediato é uma mudança de comportamento no trabalho das mulheres, que faz com que elas se tornem mais produtivas. O aumento de produção é, dessa forma, um efeito indireto, e não direto.

Letra E – ERRADA – Trata-se de um efeito indireto, e não direto.

Resposta: D

6. INÉDITA

Sérgio Buarque de Holanda afirma que o processo de integração efetiva dos paulistas no mundo da língua portuguesa ocorreu, provavelmente, na primeira metade do século XVIII. Até então, a gente paulista, fossem índios, brancos ou mamelucos, não se comunicava em português, mas em uma língua de origem indígena, derivada do tupi e chamada língua brasílica, brasiliana ou, mais comumente, geral.

No Brasil colônia, coexistiam duas versões de língua geral: a amazônica, ou nheengatu, ainda hoje empregada por cerca de oito mil pessoas, e a paulista, que desapareceu, não sem que deixasse marcas na toponímia do país e na língua portuguesa. São elas que nos possibilitam olhar um caipira jururu à beira de um igarapé socando milho para preparar mingau — sem os termos que migraram para o português, só veríamos um habitante da área rural, melancólico, preparando comida às margens de um riacho. Sem caipira, sem jururu, sem igarapé, sem socar e sem mingau, a cena poderia descrever uma bucólica paisagem inglesa.

Com base na leitura do texto, é possível afirmar que a principal intenção do autor é:

- a) enfatizar a influência da língua geral no português falado atualmente no Brasil, enaltecendo sua expressividade singular.
- b) evidenciar o português falado pelos caipiras, destacando a forma bem-humorada com que se comunicam.
- c) comparar a expressividade do português falado no Brasil, parte herdado de antigas línguas indígenas, com a da língua inglesa.
- d) destacar a clareza de comunicação como marca identificadora do português falado no Brasil.
- e) explicar a origem e o significado de expressões usadas no português falado no Brasil, como “jururu” e “igarapé”.

RESOLUÇÃO

Letra A – CERTA – Observemos o seguinte trecho: "São elas que nos possibilitam olhar um caipira jururu à beira de um igarapé socando milho para preparar mingau — sem os termos que migraram para o português, só veríamos um habitante da área rural, melancólico, preparando comida às margens de um riacho". Nele é possível identificar o objetivo comunicativo do autor, que consiste em enfatizar a expressividade da língua geral e sua influência na formação do atual português. Sem essas expressões, não haveria uma diferenciação relevante em termos de expressividade do português falado no Brasil para outras línguas.

Letra B – ERRADA – O foco do texto não se concentra propriamente no falar do caipira, nem sua intenção é destacar a forma bem-humorada da comunicação, embora esta não seja negada. O objetivo é destacar a influência da língua geral na formação do português falado no Brasil.

Letra C – ERRADA - A comparação em termos de expressividade entre a língua portuguesa e a inglesa até se faz no texto, mas não consiste no objetivo comunicativo principal do texto.

Letra D – ERRADA - Não é a clareza a marca identificadora do português falado no Brasil, mas sim sua expressividade.

Letra E – ERRADA - Os significados e origens dos vocábulos "jururu" e "igarapé" são até apresentados no texto, mas como exemplos, e não como o propósito central do texto.

Resposta: A

7. INÉDITA

As amigas Beatriz Ismael, Aline Secone e Pietra Favarin, todas com 18 anos, já perderam a conta de quanto tempo passam com o celular na mão. Conversas no WhatsApp, atualizações nas redes sociais, novidades no Snapchat: é muita coisa para acompanhar. Basta o aparelho vibrar para baixarem a cabeça a fim de verificar o que está acontecendo. Beatriz, Aline e Pietra talvez não percebam agora, mas o fato de passar horas com a cabeça curvada por causa do celular ou tablete pode acarretar sérias consequências futuras para elas.

O alerta é de médicos sobre o uso exagerado desses aparelhos por crianças e adolescentes. Pietra admite que fica tanto tempo usando o celular que seu braço chega a adormecer. Já Aline e Beatriz afirmam que não sentem dor alguma. Segundo o ortopedista e traumatologista Guaracy Carvalho Filho, professor da Faculdade de Medicina de Rio Preto (Famerp), a ausência de dores imediatas por causa da cabeça curvada é comum nos jovens que compõem a 'geração da cabeça baixa'. "É óbvio que eles não vão sentir dores agora.

A estrutura corporal é mais flexível, mas quando chegarem à fase adulta provavelmente vão sentir dores provocadas pela postura errada quando jovens." E é por causa da ausência de reclamações que os pais ou responsáveis devem prestar atenção nas crianças e nos adolescentes, segundo o médico. "Em princípio, a cabeça curvada para baixo resulta em uma alteração postural. Entre os 13 e 14 anos, o enrijecimento acontece mais rápido. Evoluindo de uma alteração para um desvio de coluna."

https://www.diariodaregiao.com.br/_conteudo/2016/01/cidades/saude/667159-uso-excessivo-de-celular-afeta-postura-do-jovem-e-coloca-seu-corpo-em-risco.html

Ao abordar os impactos gerados pelo uso excessivo de smartphones, o texto enfatiza:

- a) as queixas de jovens com dores precoces resultado da má postura corporal.
- b) as complicações posturais em adultos que curvam a cabeça quando usam celular.
- c) as alterações posturais em jovens que podem resultar em dores na idade adulta.
- d) as sequelas posturais imediatas em jovens resultado do uso excessivo do celular.
- e) a perda de flexibilidade corporal em crianças devido à ausência de reclamação por parte dos pais.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – Como mencionado no texto, os jovens não se queixam de dores. Estas podem se manifestar no futuro como resultado da má postura corporal.

Letra B – ERRADA – O texto foca a atenção não nos adultos, mas nos jovens.

Letra C – CERTA – De fato, as posturas inadequadas dos jovens, segundo o texto, podem gerar dores na idade adulta.

Letra D – ERRADA – As sequelas não são imediatas. Elas podem se manifestar futuramente, na idade adulta.

Letra E – ERRADA – Não há perda de flexibilidade corporal em crianças. O que o texto afirma é que as sequelas resultados da inadequada postura corporal de crianças e jovens podem se manifestar no futuro.

Resposta: C

8. INÉDITA

Apesar da nova era em que vivemos, materiais impressos dificilmente deixarão de existir. A divulgação de serviços pela internet tem o custo menor, isso é fato, além de diversas outras vantagens, mas para atingir um público mais abrangente e com hábitos de consumo diferentes, o material impresso é fundamental, pois apesar de vivermos na era digital, muitos ainda preferem o material impresso. É preciso adequar o conteúdo para as duas plataformas, assim a empresa conseguirá atingir todos os públicos e mercados.

Outro item que faz dos impressos uma importante ferramenta de comunicação é a veracidade e a credibilidade das informações. No mundo digital, é praticamente impossível regularizar o conteúdo. Qualquer pessoa pode postar qualquer informação, sem analisar a precisão do conteúdo. Além disso, uma informação armazenada eletronicamente pode ser modificada de uma maneira muito fácil. Já o impresso é palpável, com maior visibilidade e facilidade na memorização do conteúdo.

<https://utidasideias.com.br/index.php?/blog/midia-impressa/mas-o-que-e-midia-impressa>

O trecho reproduzido aborda como as empresas de conteúdo devem lidar com as mídias impressas e digitais, visando atingir os diversos públicos e mercados. Sua principal linha de argumentação consiste em:

- a) afirmar que os conteúdos digitais são capazes de atingir um público mais abrangente.
- b) propor a adaptação de conteúdos didáticos para as duas plataformas: impressa e digital.
- c) alertar o leitor de que conteúdos digitais podem ser facilmente modificados.

d) enfatizar as significativas aceitabilidade e credibilidade dos materiais impressos.

e) defender a adoção de comunicação predominantemente impressa.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – O texto não foca sua atenção na versatilidade dos conteúdos digitais, mas sim na credibilidade e aceitação dos materiais impressos.

Letra B – ERRADA – A principal linha de argumentação do texto não é propor adoção das duas plataformas, mas enfatizar a ainda significativa aceitação dos materiais impressos.

Letra C – ERRADA – Não trata o texto de um alerta, mas sim de uma constatação.

Letra D – CERTA – De fato! O texto dá destaque à ainda significativa aceitação por parte do público dos materiais impressos e da associação destes à ideia de veracidade e credibilidade.

Letra E – ERRADA – O texto não dá a entender que a comunicação precise ser predominantemente impressa. Dá a entender sim que esta não pode ser descartada.

Resposta: D

9. INÉDITA

Editorial: Educação e desigualdade

"O Censo Escolar é uma inquietante denúncia da realidade das escolas públicas, no contexto de deficiências que o Brasil não consegue reduzir", afirma jornal

Fonte: Zero Hora (RS)

O Censo Escolar é uma inquietante denúncia da realidade das Escolas públicas, no contexto de deficiências que o Brasil não consegue reduzir.

É um retrato da realidade brasileira e das suas consequências na Educação o conjunto de dados do Censo Escolar 2013, agora divulgado. O cenário que emerge das estatísticas é desolador para um país que tem assumido a condição de protagonista internacional, pela evolução da economia e pelos avanços sociais. Alguns dados, que não se referem exatamente à qualidade da Educação, mas à estrutura e aos equipamentos à disposição dos Alunos, são alarmantes. Não há como aceitar como razoável o fato de que apenas 36% das Escolas públicas brasileiras, que acolhem 40 milhões de estudantes, têm rede de esgoto. Ou que a grande maioria não disponha de quadras de esportes ou mesmo prédios e equipamentos com as mínimas condições de uso, ou de rampas de acesso para pessoas com deficiência.

Não são detalhes, são partes de um cenário em que faltam laboratórios, bibliotecas, computadores. A realidade mais assustadora é, obviamente, a das Escolas do meio rural. É nesse aspecto que o Censo significa também a denúncia de uma cruel desigualdade: crianças de regiões já maltratadas pela desassistência estatal frequentam os piores colégios. Como observa a secretária de Educação básica do Ministério da Educação, Maria Beatriz Luce, o diagnóstico sintetizado pelo documento é, claramente, resultado de todo o contexto histórico-social do país, do desprezo pelo cumprimento integral do direito à Educação e das responsabilidades previstas na Constituição.

São, como ressalta a Educadora, a expressão não só das desigualdades do Ensino público, especialmente quando este é confrontado com a situação da rede privada, mas das diferenças estruturais do Brasil. Escolas sem esgoto estão no entorno de áreas praticamente abandonadas. Se têm equipamentos, muitos não funcionam.

Apenas 29% dispõem de um espaço para abrigar livros, tão precário que nem sempre pode ser chamado de biblioteca. Para quem reclama da falta de aparelhos e de acesso à internet, a secretária de Educação básica informa que, por mais absurdo que pareça, isso não é o mais grave. O pior é que Escolas desequipadas muitas vezes não têm nem mesmo eletricidade.

O desalento desse Brasil que nem sempre se enxerga está no dado-denúncia do Censo, na avaliação correta da Fundação Lemann, que analisou as estatísticas. O que se vê no levantamento é o confronto de dois Brasis, o urbano, ainda com deficiências, mas em lenta evolução, e o rural, em boa parte estagnado e ignorado.

Muito já se disse sobre as atribuições de União, Estados e municípios na Educação. O Censo fala por si: mesmo com tarefas bem definidas, todas as esferas de poder têm falhado, ressalvadas as exceções. Se cada um fizesse o que deve, o retrato da estrutura do Ensino público do país não seria tão degradante.

Os gêneros textuais presentes no dia a dia apresentam diferentes linguagens e recursos expressivos como elementos de caracterização. Com base na leitura do texto e de sua identificação como um editorial, é possível identificar como seu elemento constitutivo o(a):

- presença de opinião de cunho crítico emanada por um jornalista de prestígio.
- predomínio de uma abordagem informativa, que contribui para a impessoalização e imparcialidade.
- emprego de adjetivações e afirmações categóricas como marcas argumentativas.
- uso de dados provenientes de fontes oficiais – no caso, o Censo Escolar 2013 – com o objetivo principal de explicitar o posicionamento da Fundação Lemann.
- confronto de pontos de vista heterogêneos acerca do assunto tratado – no caso, a realidade das escolas públicas brasileiras.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADO – Cuidado! De fato, o texto apresenta uma opinião, porém, como se trata de um editorial, esta não pertence a um jornalista específico, e sim ao meio de comunicação.

Letra B – ERRADO – O texto não é imparcial. Ora, como se trata de um editorial, gênero do tipo argumentativo, sua função é emitir um juízo de valor, uma opinião.

Letra C – CERTO – De fato, para ressaltar a precariedade da educação brasileira, o texto apela para adjetivos – inquietante, degradante, precário, etc. – e afirmações categóricas, contundentes – “O cenário que emerge das estatísticas é desolador...”, “Não há como aceitar como razoável o fato...”, “... tão precário que nem sempre pode ser chamado de biblioteca.”.

Letra D – ERRADO – Cuidado! O posicionamento apresentado no texto não é o da Fundação Lehman, e sim do meio jornalístico. A referência a Fundação Lehman visa a corroborar a opinião do meio jornalístico.

Letra E – ERRADO – Não há uma divergência entre pontos de vista. Todas as informações apresentadas dizem respeito à precariedade das escolas públicas brasileiras.

Resposta: C

10. INÉDITA

A Coruja mestra de canto
A Majestade Dona Águia
Quis aprender a cantar,
E mandou por seus arautos
Os bons mestres convocar.
Piam logo as andorinhas
Que o canário vencerá,
Pondo as honras outras aves
No canoro sabiá.
Foi preferida a coruja
Dando-se como razão:
Que tinha um ar mais sisudo,
Na vista certa expressão.
Mire-se bem neste espelho
Quem lugares pretender,
Agrade, nisto vai tudo,
Largue aos tolos o saber.

A fábula apresentada tem como principal diferencial em relação a outros textos de mesmo gênero:

- a) um desfecho moralizante, que induz o leitor a uma mudança de comportamento
- b) um encorajamento da meritocracia, tema incomum em produções desse tipo.
- c) uma estruturação em versos e estrofes, padrão incomum em produções similares.
- d) um ensinamento politicamente incorreto, divergente do padrão virtuoso típico.
- e) uma linguagem predominantemente conotativa, avessa à objetividade.

RESOLUÇÃO

Trata-se de um poema interessante.

Sua história gira em torno de uma águia que pretendia aprender a cantar. Para tal, abriu uma disputa para contratar um professor.

Todos puseram entre os favoritos na disputa o canário e o sabiá, exímios cantadores. Para a surpresa de todos, a Dona Águia escolheu a coruja. O texto dá todas as pistas de que essa escolha não se deu por mérito. A primeira evidência disso está na razão apresentada para a vitória da coruja: “Que tinha um ar mais sisudo/Na vista certa expressão.”. Ora, o que isso tem a ver com habilidades de canto, principalmente para ser capaz de ensinar?

Os últimos versos também deixam bem evidente que o teor dessa escolha se deu mais pelo com relacionamento da águia com coruja do que pela competência desta: “Agrade, nisto vai tudo/Largue aos tolos o saber.”.

Letra A – ERRADO – O tom moralizante é um elemento característico do gênero fábula, não sendo um propriamente um diferencial do texto apresentado.

Letra B – ERRADO – De forma alguma. Há uma valorização do bom relacionamento em detrimento do mérito.

Letra C – ERRADO – A estruturação em versos e estrofes não é tão incomum assim em textos do gênero fábula. Além disso, não é esse o aspecto que singulariza essa fábula, mas sim o seu desfecho politicamente incorreto.

Letra D – CERTO – De fato! O padrão recorrente nas fábulas é de um ensinamento virtuoso. A fábula apresentada diverge desse padrão, ao desvalorizar a meritocracia.

Letra E – ERRADO - A linguagem conotativa não é incomum nos textos do gênero fábula.

Resposta: D

11. INÉDITA

O termo nude é do inglês e vem sendo utilizado na Internet por usuários de redes sociais para designar fotos íntimas que retratam a pessoa sem roupa. O envio e a troca de nudes são facilitados em aplicativos de celular, o que torna essa prática popular entre seus usuários, incluindo-se menores de idade, e facilita o compartilhamento das fotos.

Havendo vazamento de fotos íntimas, há violação do direito de imagem da pessoa prejudicada, que, por isso, terá amparo do Estado. A pena para o acusado de vazar as fotos ainda pode ser considerada branda, sendo um pouco mais severa quando se trata de um crime contra a infância. “Quando se trata de crianças e adolescentes, há um agravante, pois, no art. 241 do Estatuto da Criança e do Adolescente, é qualificada como crime grave a divulgação de fotos, gravações ou imagens de crianças ou adolescentes, sendo prevista a pena de três a seis anos de prisão, além de pagamento de multa, para os que cometem esse crime”, diz a advogada presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB/AC.

Para combater o compartilhamento de fotos íntimas por terceiros, são necessárias ações preventivas, afirma a advogada. Jovens e adolescentes devem ser educados, de forma que tenham dimensão do problema que a divulgação desse tipo de imagem pode acarretar.

O texto, visando estabelecer uma progressão das ideias, foi dividido estruturalmente nas seguintes partes:

a) 1ª parte – exposição de opinião acerca de tema polêmico; 2ª parte – detalhamento do assunto, com o apontamento de causas e consequências; 3ª parte – recomendação para combater o problema.

- b) 1ª parte – definição do problema e identificação do principal público afetado por este; 2ª parte – detalhamento do amparo legal relacionado à discussão; 3ª parte – proposição de soluções para o problema.
- c) 1ª parte – relato de fato ocorrido; 2ª parte – explicitação das consequências legais previstas; 3ª parte – sugestões de ações para resolver o problema.
- d) 1ª parte – defesa contundente de opinião; 2ª parte – enumeração de argumentos que atestam a opinião apresentada. 3ª parte – mera síntese do que foi exposto nas duas primeiras partes.
- e) 1ª parte – contextualização do tema proposto; 2ª parte – fundamentação legal que rege a discussão - 3ª parte – proposição de ações de cunho repressivo como solução para o problema.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – Na primeira parte, há uma definição do termo “nude” e a identificação do principal público afetado – adolescentes. Não se trata de um tema polêmico, que divida opiniões.

Letra B – CERTA

Letra C – ERRADA – A primeira parte se concentra em definir o termo “nude”, contextualizando o problema. Não há menção a um fato específico.

Letra D – ERRADA – A primeira parte contextualiza o assunto. Não há uma defesa contundente de opinião, pois o texto é predominantemente expositivo

Letra E – ERRADA – Na terceira parte, há sim proposição de soluções, mas estas não são repressivas. A proposta é de conscientização.

Resposta: B

12. INÉDITA

A BOA MORTE

Aparentemente ninguém deu muita bola para a proposta, feita pela comissão de juristas que revê o Código Penal, de descriminalizar certos tipos de eutanásia. Esse, entretanto, é um assunto importantíssimo e que tende a ficar cada vez mais premente, à medida que a população envelhece e a medicina amplia seu arsenal terapêutico.

Desligar as máquinas que mantêm um paciente vivo pode ser descrito como um caso de homicídio, ainda que com o objetivo nobre de evitar sofrimento, ou como uma recusa em prosseguir com tratamento fútil, o que é perfeitamente legal.

Como sempre, acho que cabe a cada qual fazer suas próprias escolhas. Mas, já que nem sempre sabemos o que é melhor, convém dar uma espiadela em como pensam aqueles que, de fato, entendem do assunto.

Num artigo que está movimentando a blogosfera sanitária e já foi reproduzido no “Wall Street Journal” e no “Guardian”, o doutor Ken Murray sustenta que, embora os médicos apliquem todo tipo de manobra heroica para prolongar a vida de seus pacientes, quando se trata de suas próprias vidas e das de seus entes queridos, eles são bem mais comedidos.

Como estão familiarizados com o sofrimento e os desfechos das medidas extremas, querem estar seguros de que, quando a sua hora vier, ninguém vai tentar reanimá-los nem levá-los a uma UTI para entubá-los e espetá-los com cateteres. Murray diz que um de seus colegas chegou a tatuar o termo "no code" (sem ressuscitação) no próprio corpo.

A pergunta que fica, então, é: se não são sádicos, por que os médicos fazem aos outros o que não desejam para si mesmos? E a resposta de Murray é que ocorre uma perversa combinação de variáveis emocionais, econômicas, mal-entendidos linguísticos, além, é claro, da própria lógica do sistema. Em geral, para o médico é muito mais fácil e seguro apostar no tratamento, mesmo que ele se estenda para muito além do razoável.

"Como estão familiarizados com o sofrimento e os desfechos das medidas extremas, querem estar seguros de que, quando a sua hora vier, ninguém vai tentar reanimá-los nem levá-los a uma UTI para entubá-los e espetá-los com cateteres."

No período destacado, a primeira oração expressa em relação à seguinte o valor semântico de:

- a) causa
- b) consequência
- c) finalidade
- d) comparação
- e) conformidade

RESOLUÇÃO:

Questão relativamente simples, que trata do valor semântico dos conectores, em particular a conjunção "como".

Para resolver esse tipo de questão, uma habilidade que se exige do aluno é reescrever o texto, identificando as corretas relações lógicas. Vejamos um exemplo:

Como estava chovendo, não pude ir ao show.

= Não pude ir ao show, **porque** estava chovendo.

Dessa forma, a conjunção "como" assume valor semântico causal.

Analisemos o "como" no trecho:

Como estão familiarizados com o sofrimento e os desfechos das medidas extremas, querem estar seguros de que, quando a sua hora vier, ninguém vai tentar reanimá-los nem levá-los a uma UTI para entubá-los e espetá-los com cateteres."

É possível reescrever o trecho acima da seguinte forma:

"Devido ao fato de estarem familiarizados com o sofrimento e os desfechos das medidas extremas, querem estar seguros de que, quando a sua hora vier, ninguém vai tentar reanimá-los nem levá-los a uma UTI para entubá-los e espetá-los com cateteres."

Fica claro, assim, que a conjunção "como" assume valor causal.

Resposta: A

Texto para as questões 13 a 15

A história da clorpromazina (comercializada como Amplitil no Brasil) e de outras drogas psiquiátricas, incluindo lítio e várias gerações de antidepressivos, é contada de forma apaixonante por Lauren Slater em "Blue Dreams" (sonhos azuis).

Slater parte de um ponto de vista privilegiado. Além de escritora, ela é psicóloga e paciente psiquiátrica. Sofre de transtorno bipolar e diz estar convicta de que foi apenas o uso maciço de combinações variadas de antidepressivos e lítio que a manteve por mais de três décadas longe das internações de que precisou na juventude.

Ela é uma fã desses fármacos, mas nem por isso deixa de exercer o espírito crítico em relação aos laboratórios. O fato de as drogas funcionarem não significa que seja pelas razões alegadas pela indústria. O modelo da depressão como um desbalanço químico marcado por baixos níveis de serotonina, por exemplo, é mais furado do que um queijo suíço.

Slater mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, mas sem esconder os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação. Como bônus, ela fala também de fármacos ainda ilegais, mas bastante promissores para uso psiquiátrico, como o MDMA e o LSD.

Hélio Schwartzman

13. INÉDITA

Assinale a opção cuja reescrita mantém a correção gramatical e preserva o sentido original do seguinte trecho:

Slater mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, mas sem esconder os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação.

- a) Slater não só mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, mas explicita os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação.
- b) Embora Slater não esconda os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação, mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes.
- c) Slater mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, mesmo não escondendo os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação.
- d) Apesar de mostrar o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, não esconde os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação.
- e) Slater mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, à medida que não esconde os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação.

RESOLUÇÃO

Observemos a conjunção “mas”, cujo sentido é adversativo.

Antes de analisarmos as opções, vale a pena ressaltar a diferença entre a oposição adversativa – o principal representante é o “mas” - e a concessiva - o principal representante é o “embora”.

Vejam os dois exemplos:

João é um bom funcionário, mas chega atrasado todo dia.

João é um bom funcionário, embora chegue atrasado todo dia.

Na primeira, destaca-se, por meio da conjunção “mas”, o fato de João chegar atrasado todo dia. Já na segunda, a conjunção concessiva “embora” relativiza o fato de João chegar atrasado todo dia.

Na primeira, enfatiza-se o defeito; na segunda, a qualidade.

Analisemos as opções:

Letra A – ERRADA – Cuidado com essa redação. Nela, empregamos o conector “mas”. No entanto, ele não está sozinho. Observemos que temos a presença da expressão “*não só... mas (também)*”, que tem valor de adição, e não de oposição adversativa. É preciso identificar a palavra “também” subentendida após a conjunção “mas”.

Letra B – ERRADA – Na redação original, a conjunção adversativa “mas” enfatiza os graves efeitos secundários e o tamanho da ignorância sobre o tema. Ao mesmo tempo, relativiza-se (atenua-se) o que de bom os medicamentos trazem para os pacientes.

Na proposta de reescrita, utiliza-se a conjunção concessiva “embora”. Essa conjunção relativiza os graves efeitos e a ignorância sobre o tema, mudando-se, assim, o sentido original.

Letra C – ERRADA – Ocorre o emprego da conjunção concessiva “mesmo”. Essa conjunção relativiza os graves efeitos e a ignorância sobre o tema, mudando-se, assim, o sentido original.

Letra D – CERTA - Ocorre o emprego da locução conjuntiva concessiva “Apesar de”. Essa conjunção relativiza o que de bom os medicamentos trazem para os pacientes e enfatiza os graves efeitos e a ignorância sobre o tema, mantendo-se, assim, o sentido original.

Letra E – ERRADA – A locução “à medida que” tem sentido de proporção, bem diferente, portanto, do sentido original de oposição.

Resposta: D

14. INÉDITA

Slater parte de um ponto de vista privilegiado. Além de escritora, ela é psicóloga e paciente psiquiátrica.

É possível identificar entre as duas frases que o compõem uma relação de:

- a) Adição
- b) Explicação
- c) Comparação

- d) Oposição
- e) Conclusão

RESOLUÇÃO

Cuidado com essa questão!

O enunciado aqui é decisivo, pois se pede do candidato que ele identifique a relação entre as FRASES.

O que pode nos confundir é a presença do conector “Além de”, que dá o sentido de adição. No entanto, essa relação de adição se dá entre os termos da segunda frase, e não entre as frases. Diz-se na segunda frase que ela é escritora, psicóloga E paciente psiquiátrica.

Dessa forma, o grande risco é marcarmos a letra A. No entanto, repetindo, não é de adição a relação entre as frases.

Agora analisemos a relação entre as frases. É possível explicitá-la, fazendo-se a seguinte reescrita:

Slater parte de um ponto de vista privilegiado, POIS, além de escritora, ela é psicóloga e paciente psiquiátrica.

A presença da conjunção POIS explicita, portanto, a relação de EXPLICAÇÃO.

Resposta: B

15. INÉDITA

Lendo uma notícia de um jornal, nota-se o seguinte trecho:

“Muitas são as pessoas que estão se mudando daquela cidade graças à violência que lá tem sido tão frequente.”

Um leitor mais atento julgou incorreto o emprego da expressão “graças a”.

Assinale a opção que traz uma justificativa coerente para esse julgamento e uma proposta de correção:

- a) A locução conjuntiva “graças a” não transmite a ideia de causa. Assim, seria interessante substituí-la por “devido a”.
- b) A locução conjuntiva “graças a” não transmite a ideia de causa. Assim, seria interessante substituí-la por “em virtude de”.
- c) A locução conjuntiva “graças a”, embora transmita a ideia de causa, tem uso restrito a causas de tom positivo. Assim, seu emprego no texto é inadequado, sendo interessante substituí-la por “devido a”.
- d) A locução conjuntiva “graças a”, embora transmita a ideia de causa, tem uso restrito a causas de tom positivo. Assim, seu emprego no texto é inadequado, sendo interessante substituí-la por “mesmo com”.
- e) A locução conjuntiva “graças a” transmite a ideia de consequência exigida na frase. Assim, seu emprego no texto é inadequado, sendo interessante substituí-la por “devido a”.

RESOLUÇÃO:

A locução “graças a” introduz uma ideia de causa. No entanto, é compatível com causas de carga semântica positiva, pois a expressão está associada ao sentido de “agradecer”.

Descartando-se a hipótese de o autor ter se expressado de forma irônica, haja vista se tratar o texto de uma notícia jornalística, vê-se incompatibilidade no emprego da expressão, pois “violência” não tem valor positivo.

Letra A – ERRADA – A locução “graças a” transmite sim a ideia de causa.

Letra B – ERRADA - A locução “graças a” transmite sim a ideia de causa. Além disso, não seria possível a troca pela também expressão de causa “em virtude de”, devido ao fato de esta também pedir conteúdo de valor semântico positivo.

Letra C – CERTA – A troca pela expressão causal neutra “devido a” dá à redação compatibilidade semântica.

Letra D – ERRADA – A expressão “mesmo com” não teria valor causal, e sim concessivo, alterando, dessa forma, o conteúdo original.

Letra E – ERRADA - A locução “graças a” transmite uma ideia de causa, não de consequência.

Resposta: C

16. INÉDITA



A partir da comparação entre as charges, é possível afirmar que:

- a) As charges sugerem que diferentes gerações encaram a tecnologia de forma negativa e desinteressada.
- b) Os adultos da segunda charge são menos ávidos por tecnologia do que o menino.
- c) A segunda charge explicita as dificuldades da geração mais madura em identificar as funcionalidades presentes nos equipamentos eletroeletrônicos atuais.
- d) A expressão facial e gestual do garoto demonstra que ele gostaria de receber outros presentes que não fossem eletroeletrônicos.
- e) Ambas as charges explicitam as facilidades que o desenvolvimento tecnológico introduziu na vida contemporânea, apesar de alguns se aborrecerem com ela.

RESOLUÇÃO:

Analisemos as opções:

ALTERNATIVA A – ERRADO – É errado afirmar que o garoto da primeira charge encara a tecnologia com desinteresse. Na verdade, ele se demonstra interessado até demais, o que é evidenciado pela pilha de eletroeletrônicos que se acumula atrás dele. Seu desejo por tecnologia é insaciável.

ALTERNATIVA B – CERTO – De fato, os adultos da segunda charge não demonstram tanto desejo (avidez) por tecnologia quanto o garoto. Este é insaciável.

ALTERNATIVA C – ERRADO - De acordo com a charge, a dificuldade da geração mais madura não está na identificação das funcionalidades presentes nos aparelhos. É possível ver que os adultos conseguem identifica-las. A real dificuldade dessa geração está em entender a utilidade de fato dessas ferramentas na vida cotidiana. Há um sentimento de desconfiança por parte dos adultos, ressaltado pela face, com olhar distante, sobrancelhas levantadas e testa franzida.

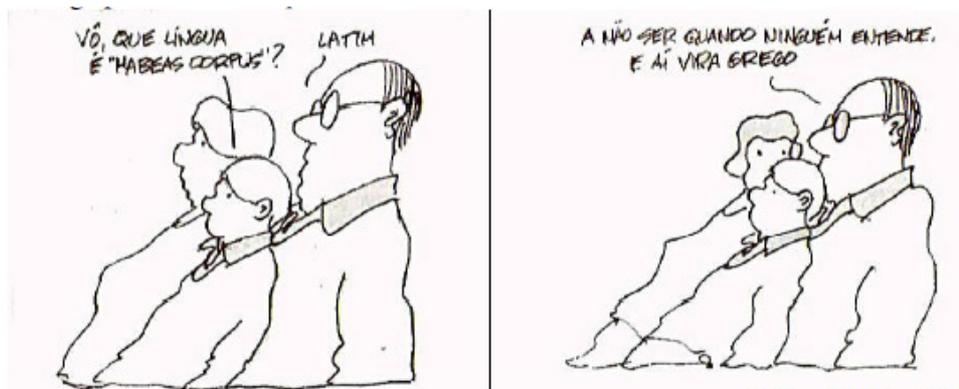
ALTERNATIVA D – ERRADO – Ao dizer “Qual o próximo?”, subtende-se que o garoto deseja mais um eletroeletrônico.

ALTERNATIVA E – ERRADO – A primeira charge explicita não facilidades, mas sim dificuldades que a tecnologia trouxe para o cotidiano: descarte excessivo, desejo insaciável das crianças por tecnologia e submissão dos adultos à vontade dos mais jovens.

Resposta: B

17. INÉDITA

A leitura da tirinha permite inferir que:



(Luís Fernando Veríssimo, O Estado de São Paulo, 27/07/2008)

- a) O avô tenta disfarçar, por meio de suas respostas, seu desconhecimento sobre a origem etimológica da expressão "habeas corpus".
- b) A resposta deixa pressuposta a ideia de que, na opinião do avô, o assunto em questão não deveria ser do interesse de uma criança.
- c) A pergunta da criança pode ser considerada retórica.
- d) A fala do avô deve ser compreendida como uma crítica explícita aos políticos de modo geral.
- e) O comentário do avô, no segundo quadrinho, contém uma crítica às iniquidades permitidas pelo judiciário.

RESOLUÇÃO:

Analisemos as opções:

ALTERNATIVA A – ERRADO – O avô expressa conhecimento acerca da origem (etimologia) da expressão "habeas corpus".

ALTERNATIVA B – ERRADO – A resposta não evidencia que o avô o repriminou o garoto pela pergunta.

ALTERNATIVA C – ERRADO – A pergunta do garoto não pode ser considerada retórica, entendida como uma pergunta de cuja resposta o enunciador já tem conhecimento. O garoto, de fato, expressa uma dúvida.

ALTERNATIVA D – ERRADO - A crítica do avô não é explícita, e sim implícita. Esta é dirigida não aos políticos, mas ao Poder Judiciário.

ALTERNATIVA E – CERTO – De fato, a crítica velada feita pelo avô denuncia à forma obscura como se concede o benefício do "habeas corpus", dando a entender que, em alguns casos, não ocorre um juízo pautado pela equidade.

Resposta: E

18. INÉDITA

Um restaurante muito famoso uma certa vez lançou o seguinte slogan publicitário:

"Nossa meta é servir bem."

Sobre esse anúncio é correto dizer:

- a) A escolha das palavras no anúncio tem por objetivo realçar o bom atendimento, que é característica do restaurante.
- b) A palavra "meta" estabelece um significado implícito que contraria a intenção inicial do anúncio.
- c) O intuito de persuasão, presente em todo texto de caráter publicitário, é plenamente atendido no anúncio, haja vista a escolha apropriada das palavras para tal fim.
- d) O texto não cumpre sua finalidade persuasiva devido ao emprego do pronome possessivo "Nossa", que compromete o tom impessoal presente em textos publicitários.
- e) O emprego do substantivo "diferencial" no lugar de "meta" não alteraria o sentido original do anúncio.

RESOLUÇÃO:

Obviamente um anúncio publicitário tem por objetivo principal persuadir (convencer) o público-alvo a adquirir um determinado produto ou serviço. Para cumprir tal propósito, é importante escolher adequadamente as palavras.

Isso não ocorre no anúncio em questão, haja vista que a palavra "meta" é sinônima de "objetivo", "propósito", "algo que ainda se quer atingir". Ora, se a meta é servir bem, dá-se a entender que o restaurante ainda não serve bem seus clientes.

Você iria a um restaurante que não serve bem seus clientes, mas está lutando para um dia, quem sabe, atingir esse objetivo? Claro que não, né? Eu esperaria o restaurante cumprir atingir essa meta, para só então pensar em frequentá-lo. Concorda?

Analise as opções:

ALTERNATIVA A – ERRADO – A escolha da palavra "meta" é inapropriada, tendo em vista que ela dá a entender que o restaurante ainda não serve (atende) bem seus clientes.

ALTERNATIVA B – CERTO – De fato, de acordo com o anúncio, é possível inferir que o restaurante não serve bem seus clientes. Com certeza, não era essa a intenção inicial dos elaboradores da campanha publicitária.

ALTERNATIVA C – ERRADO - A escolha da palavra "meta" é inapropriada, tendo em vista o caráter persuasivo do texto.

ALTERNATIVA D – ERRADO – O problema não foi a escolha da palavra "Nossa", e sim da palavra "meta". Além disso, não é característica de um texto publicitário a impessoalidade.

ALTERNATIVA E – ERRADO – O sentido original deixa implícito que o restaurante anunciado ainda não serve bem seus clientes. Já, com o emprego do substantivo "diferencial", dá-se a entender que os demais

restaurantes não servem bem seus clientes. O sentido original é, portanto, alterado com a troca de palavras sugerida.

Resposta: B

19. INÉDITA

O anúncio luminoso de um edifício em frente, acendendo e apagando, dava banhos intermitentes de sangue na pele de seu braço repousado, e de sua face. Ela estava sentada junto à janela e havia luar; e nos intervalos desse banho vermelho ela era toda pálida e suave.

Na roda havia um homem muito inteligente que falava muito; havia seu marido, todo bovino; um pintor louro e nervoso; uma senhora recentemente desquitada, e eu. Para que recensear a roda que falava de política e de pintura? Ela não dava atenção a ninguém. Quieta, às vezes sorrindo quando alguém lhe dirigia a palavra, ela apenas mirava o próprio braço, atenta à mudança da cor. Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo. “Muito!”, disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro — e disse mais algumas palavras; mas mudou um pouco a posição do braço e continuou a se mirar, interessada em si mesma, com um ar sonhador.

(Rubem Braga, “A mulher que ia navegar”.)

I – Há uma relação semântica de contraste “banhos intermitentes de sangue” e “ela era toda pálida e suave”

II – A resposta dada pela personagem à pergunta que lhe foi dirigida - “Muito!” – deixa evidente seu interesse pelo assunto tratado.

III - O termo sublinhado no trecho “Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo” faz uma alusão catafórica à percepção do efeito das luzes do anúncio no braço da personagem.

Está(ão) correta(s):

- a) I apenas
- b) II apenas
- c) III apenas
- d) I e II apenas
- e) II e III apenas

RESOLUÇÃO:

A assertiva I está correta.

De acordo com a descrição do texto, a luminosidade do anúncio refletia na pele da personagem, dando a ela uma coloração avermelhada. É o que o texto descreve como “banhos intermitentes de sangue.

Nos intervalos (intermitências) entre o acender e o apagar do anúncio, a lua realçava a palidez da pele da personagem.

A assertiva II está errada.

É possível notar na resposta da personagem um tom vago, até mesmo irônico. Ela não se mostrava muito interessada em julgar o quadro que lhe fora apresentado, assunto da pergunta a ela dirigida. Estava, na verdade, mais entretida e distraída com os efeitos luminosos do anúncio em seu braço.

A assertiva III está errada.

De fato, o pronome “isso” faz referência à distração gerada pelos efeitos luminosos do anúncio no braço da personagem. No entanto, erra a assertiva ao afirmar que se trata de uma alusão catafórica – referência a algo ainda a ser citado. O correto é afirmar que se faz uma alusão anafórica – referência a algo citado anteriormente no texto.

Resposta: A

20. INÉDITA

Graciliano Ramos, em seu livro *Infância*, reflete sobre uma de suas marcantes impressões de menino. Leia o trecho a seguir, extraído dessa obra:

Bem e mal ainda não existiam, faltava razão para que nos afligissem com pancadas e gritos. Contudo, as pancadas e os gritos figuravam na ordem dos acontecimentos, partiam sempre de seres determinados, como a chuva e o sol vinham do céu. E o céu era terrível, e os donos da casa eram fortes. Ora, sucedia que a minha mãe abrandava de repente e meu pai, silencioso, explosivo, resolvia contar-me histórias. Admirava-me, aceitava a lei nova, ingênuo, admitia que a natureza se houvesse modificado. Fechava-se o doce parêntese – e isso me desorientava.

Com base na leitura apresentada, é possível afirmar que o trecho “Fechava-se o doce parêntese – e isso me desorientava.”:

- a) simboliza no texto o início de um tratamento carinhoso atípico por parte do pai e da mãe do garoto.
- b) faz menção no texto à violência a que era submetida a criança, proveniente de diversos familiares.
- c) consiste em uma metáfora para o fim do repentino íterim de atenção e afeto dirigidos à criança pelos pais.
- d) revela no texto um sentimento de saudosismo dos tempos de convívio entre pais e filhos.
- e) destaca no texto o quão consciente era o garoto da transitoriedade das mudanças de humor de seus pais.

RESOLUÇÃO:

O início do trecho dá a entender que os pais do garoto o espancavam. Isso fica evidente no trecho “*faltava razão para que nos afligissem com pancadas e gritos.*”. A partir do trecho “*Ora, sucedia que a minha mãe abrandava de repente e meu pai, silencioso, explosivo, resolvia contar-me histórias.*”, o humor dos pais muda repentinamente e as pancadas e os gritos dão lugar a um abrandamento.

Nesse instante, abre-se um parêntese, sinalizando a interrupção do tratamento violento e a adoção de uma postura mais carinhosa por parte dos pais. No entanto, esse intervalo de trégua não dura muito e, logo depois, reiniciam-se as pancadarias e os gritos, ou seja, fecha-se o parêntese, para tristeza do garoto.

Analisemos as opções:

ALTERNATIVA A – ERRADO – O trecho não simboliza o início, mas sim o término do tratamento carinhoso dado pelos pais ao garoto.

ALTERNATIVA B – ERRADO – O item apresenta uma incorreção, ao afirmar que a violência partia de diversos familiares. Na verdade, a violência partia de “seres determinados”, numa alusão feita aos pais do garoto.

ALTERNATIVA C – CERTO – Exatamente. O fechamento do parêntese, como explicado acima, marca o término do curto período de trégua.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Não há propriamente um sentimento de saudosismo por parte do autor, haja vista que esse tempo lhe trazia más recordações.

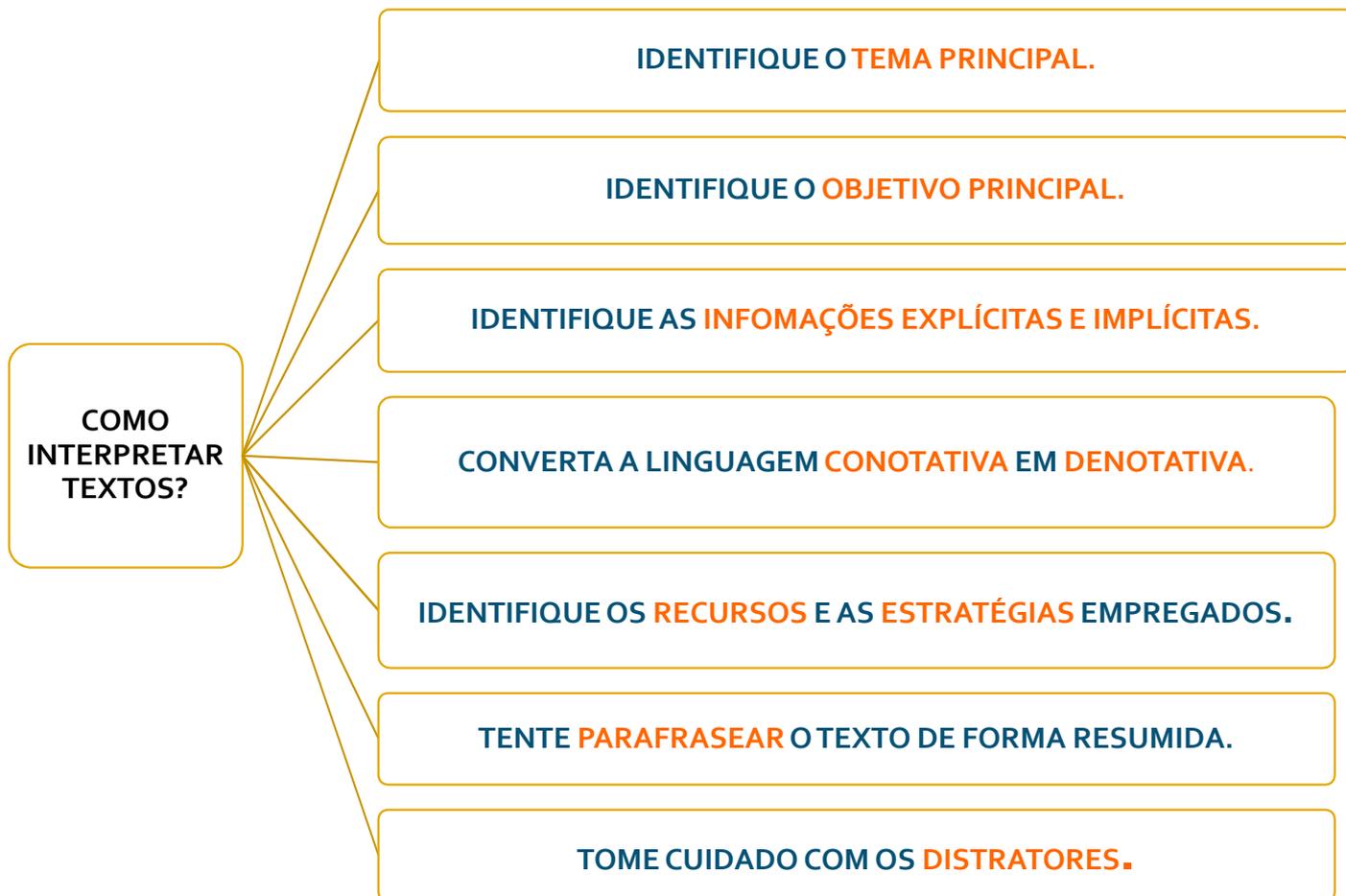
ALTERNATIVA E – ERRADO – Não é o que dá a entender o trecho “*Admirava-me, aceitava a lei nova, ingênuo, admitia que a natureza se houvesse modificado*”. Na visão ingênua do garoto, tratava-se de uma mudança definitiva, sem volta.

Resposta: C

Gabarito

| | | | | | | | | | |
|----|---|----|---|----|---|----|---|----|---|
| 01 | A | 02 | D | 03 | D | 04 | E | 05 | D |
| 06 | A | 07 | C | 08 | D | 09 | C | 10 | D |
| 11 | B | 12 | A | 13 | D | 14 | B | 15 | C |
| 16 | B | 17 | E | 18 | B | 19 | A | 20 | C |

Resumo Direcionado



FIM

NÃO DESISTA!

CONTINUE NA DIREÇÃO CERTA!